ABAIXO A FARSA SINDICAL

Manifesto do Partido Socialista, denunciando a manobra do "Congresso Nacional dos Trabalhadores na Indústria"



Diretores responsáveis:
Antônio Cándido e
Arnaldo Pedroso d'Horta
Gerente:
Febus Gikovate

ANO II — 15 DE AGOSTO DE 1949 — N.º 33

FREÇO DO EXEMPLAR — C:5 0,50

EDITADO FELA COMISSÃO ESTADUAL DE SÃO PAULO DO

PARTIDO SOCIALISTA BRASILEIRO

Redação :
Proça da Sé, 237 - 2.º and
Telefone : 3-9784
SÃO PAULO — BRASIL

A DENUNCIA DO CON-VENIO TRABALHISTA

Estomos assistindo a mais um episódio na luta entre o Governo federal e o snr. Ademar de Barros, tendo por pano de fundo as próximas eleições à presidência da República: — a denúncia do convênio traba-Ihista firmado entre a União e o Gorinsta rirmado e o Go-vêrno de São Paulo. Esse convênio vinha representando um privilégio concedido ao govêrno ou, em outros palavras, à burguesia paulista. São Paulo era o único Estado que vinha gosando de "autonomia" na fiscali-adero do trobalho, assunto que, em outros Estados, está diretamente su-bordinado ao Ministério do Trabalho, atrovés das respectivas delega-cias regionais. Mas o general Dutra, exprimindo bem o estado de espírito da grande burguesia brasileira, que se sente incomodada com a sanha aventureira, de tipo fascista, e com a imensa ambição de poder do sor. Ademar, passou a ficar com mêdo de que éste utilizasse aquela "autode que éste utilizasse aquela nomia" para fins político-eleitorais. Daí a mensagem encaminhada eo Congresso, pedindo a denúncia do Convênio e o decreto assinado, logo a seguir, açadadamente, ordenando intervenção do Ministério do Trabalho no Departamento Estadual do

O mais interessante é que essa partomima é promovida em nome dos "interesses dos trabalhadores". Como se o general Dutra e seu mistro do Trabalha, que se vém mostrando fiéis executores da vontade dos grandes circulos industriais, financeiros e latifundiários do país, tivessem algum interésse, realmente, em acautelar os direitos dos trebalhadores.

Se é exoto que o snr. Ademar estava tramando para utilizar a Secretaria e o Departamento do Trabalho, nas suas manobras propagandisticas e eleitereiras — e acreditamos que assim seja — os seus propósitos não são menos indecentes do que os do Govérno Federal, ao pretender a denúncia do convênio trabalhista e decretor a intervenção no

(Continuo na 2.a pag.)

Anuncia-se para meiados do corrente mês a realização, nesta Capital, de um "Congresso Nacional dos Trabalhadores na Indústria". Trata-se, nada mais, nada menos, de uma iniciativa dos famosos "líderes sindicais" que há vários anos vêm usurpando o mandato que lhes confiou, ainda sob o regime ditatorial, a boa fé do proletariado brasileiro. São os Diocleciano de Holanda Cavalcanti e demais "pelegos" do Ministério do Trabalho, que, pressentindo a ameaça da perda das gordas sinecuras, com a próxima aprovação da reforma da lei sindical, conforme o projeto do deputado João Mangabeira, pretendem fazer um último esfôrço no sentido de impedir a sua aprovação ou pelo menos desnaturá-lo.

Pelo que se noticia, os usurpadores do movimento sindical brasileiro, dizendo-se representantes dos trabalhadores na indústria de todo o país, vão, pela primeira vez depois de estarem há vários anos à frente dos sindicatos e federações, examinar uma longa série de problemas que realmente interessam ao trabalhadores, mas de cuja solução, precisamente, tão faisos "líderes" têm sido os principais sabotadores. Dizem êles que todas essas questões de interêsse imediato do proletariado, como lei de oito horas, salário mínimo e profissional, estabilidade no emprêgo, férias, descanso semanal remunerado, participação nos lucros, liberdade sindical, previdência social, justiça do trabalho, etc., tudo isso vae ser cuidadosamente estudado, a fim de que as conclusões aprovadas sejam afinal encaminhadas ao poder competente, e transformadas em lei.

(Continúa na 2.a pag.)

A PLATAFURMA SOCIALISTA

Conforme a deliberação da fitima reunião plenária de Comissão Estadual, a Comissão Executiva Estadual elaborou um documento consubstanciando os pontos essenciais extraidos da plataforma eleitoral socialista, já aprovada naquela reunião. Esse documento foi encaminhado á

e ao Partido Republicano, em São Paulo, como proposta para um eventual entendimento visando a realização de uma aliança pare apelo a um candidato comun. Do resultado dos entendimentos havidos. em torno desse programa minimo, a Comissão Executiva Estadual deverá apresentar relatório a todo o Partido, para que éste tome uma resolução a respeito, na próxima Convenção Estadual, de conformidade, ainda, com a resolução da reunião plenária da

> PSB 简简

Comissão Estadual, Damos,

abaixo, o texto do documento

enviado aqueles partidos po-

liticos.

PELA VITÓRIA DA DEMOCRACIA SOCIALISTA

O Partido Socialista Brasileiro, secção de São Paulo, reafirma sua convicção de que só
com a realização integral de
um programa socialista será
possivel solucionar os problemas econômicos e sociais do
Brasil, e, ao mesmo tempo assegurar ao povo brasileiro uma
situação de crescente prosperidade, bem-estar e pleno
gôso das liberdades políticas.

Dentro, no entanto, dos quadros da orientação económica, social e política vigente, estabelecida pela Constituição Federal, o Partido Socialista Brasileiro luta por um programa de reivindicações imediatas cuja satisfação levará ao fortalecimento do regime democrático, à melhoria das condições de vida das massas trabalhadoras e, de modo geral, à elevação do nivel econômico e político do povo brasileiro que, dessa maneira, se irá preparando para o advento do socialismo.

Com bases nessas considerações, entende a Comissão Estadual do Partido Socialista Brasileiro, em São Paulo, que as reivindicações populares mais prementes, que devem ser aceitas como base programática para uma candidatura extra-partidária à governança do Estado, nas eleições de 1950, são as seaujuntes: - ORGANIZAÇÃO E ORIENTA-' ÇÃO POLÍTICA:

a) - Cumprimento fiel da Constituição Federal e da Constituição Estadual, especialmente no tocante às liberdades democráticas fundamentais; efetivação da liberdade de imprensa, da liberdade e autonomia sindical e do direito de greve, no que toca às autoridades estaduais, mediante a supressão de qualquer interferência sua na vida dos órgãos de imprensa e das associações profissionais bem como nos conflitos entre empregados e empregadores, a não ser com a finalidade de garantir a ordem pública, evitar danos a pessoas e coisas e promover conciliação.

b) — Respeito ao princípio constitucional da autonomia dos municípios. O Govêrno do Estado procurará exercer influência sóbre o Congresso Nacional e o Govêrno da União, no sentido de ser concedida a autonomia municipal à Capital de São Paulo e à cidade de Santos.

2 — DA. ADMINISTRAÇÃO EM GERAL :

a) — Os serviços nas repartições públicas serão racionalizados no sentido de combate ao burocratismo, incentivo ao espírito de responsabilidade individual do funcionário e (Continúa na 2a pag.)

NOVA FEDERAÇÃO SIN-DICAL INTERNACIONAL

Estão no Brasil, entabolando negociações com os "liderees" sindicais brasileiros, dois delegados do C. I. O. dos Estados Unidos. A missão dos srs. Kyne e Schvartz prendese à elaboração de um programa de atividades em escala internacional, a ser apresentado à nova Federação Sindical Mundial, resultante da cisão verificada na FMS, esse ano.

Os Itens principais do programa do novo movimento sindical internacional seriam: política de elevação substancial dos salários, como primeiro passo de um programa de reformas sociais; política de reivindicações trabalhistas sempre num plano internacional; luta contra as tendências político-partidárias do movimento operário internacional; luta contra o poderio economico representado pela concen-

tração capitalista de Wall Strect; socialização de algumas industrias basicas, de grande interêsse público, etc.

O que os delegados operários do CIO precisam ter em conta, entretanto, é que os dirigentes sindicais brasileiros não representam de maneira alguma o pensamento da classe trabalhadora, uma vez que mada mais são que delegados do Ministério do Trabalho. O primeiro passo da nova Federação Sindical deveria ser a luta pela autonomia de todos os sindicatos operários do Estado, pois, não não só no Brasil encontram-se os sindicatos sob intervenção. Na Argentina, para citar apenas um exemplo, também os sindicatos são dirigidos pelo Estado. Todo o apoio que for prestado a ésses sindicatos redundará em benefício da classe capitalista e não dos trabalhadores.

Abaixo a farsa sindical

Desde logo, salta à vista a circunstância de sómente agora, depois do Parlamento estar funcionando há cêrca de três anos, se haverem lembrado os famosos dirigentes sindicais de oferecer sugestões à reforma au melhoria da legislação trabalhista. O que têm feito êles, durante tantos anos à frente dos sindicatos e federações, que não se lembraram de que o regime de oito horas há muito foi abolido na indústria nacional; que os trabalhores do Brasil ainda estão sujeitos a um salário mínimo que está cinco vezes abaixo do custo de vida; que a estabilidade no emprê-go deixou de ser a garantia patrimonial da família operária para tor-nar-se objeto de transações inescrupulosas do patronato; que o atual regime de férias não passa de sim-ples engado; que o descanso sema-nal remunerado ainda não está sendo gozado pelos trabalhadores por-que estes não dispõem de organização sindical que imponha o cumpri-mento da lei; que não é possível obter-se a participação dos trabalhadores nos lucros das emprêsas enquanto permanecerem à frente dos sindicatos e federoções elementos que não merecem a contiança do proletariado; que não pode haver li-berdade sindical sem completa autonomia de organização em relação ao Ministério do Trabalho: que a previdência social e a justiça do traba iho só poderão beneficiar os trobalhos quando estejam eles organiza-dos em poderosos sindicatos e fede-rações, dirigidos por verdadeiros lí-deres sindicais que mereçam a sua plena confiança e não por traidores vendidos aos capitalistos e seu regime de exploração e misérias?

A realização de tal "congresso" no maior centro industrial do Brasil, constitui uma afronta aos brios e à dignidade do proletariado pau-lista. Explorado miseravelmente e ludibriado por seus falsos "líderes", os trabalhadores de São Paulo estão atravessando uma dos mais gráves crises de sua história. Escorchados por um regime extenuante de tra-balho, em que os extraordinários de duas, três e quatro horas já se incorporam à sua jornada normal de

RECEITA

DESPEZA

trabalho; obrigados a se submeter a êsse regime para não morrer de fome em face dos baixos salários que lhes são pagos; sujeitos ainda a uma con-corrência crescente oriunda do baixo padrão de vida dos trabalhadores rurgis que emigram em massa para os centros urbanos; desorganizados e sem amparo dos órgãos sindicais e jurídicos que poderiam minorar-lhes tão angustiosa situação, — os tra-balhadores de São Paulo são, rela-tivamente, aqueles que mais de pertromente, aqueres que mas de per-te vém sentindo todo o peso da crise econômica e financeira que atrovessa o país. E os usurpadores e agentes ministeriais a soldo do patronato nem se pejam de escolher justamente São Paulo para exibirem a sua petulância de "dirigentes" sem o menor apôio de massas! Por isso mesmo o proletariado poulista está no dever de fazer sentir a tais la-caios do capitalismo que êles já estão sobrando há muito tempo. O Brasil vive há três anos sob regime democrático, não sendo mais admissivel que o movimento sindical continue ainda sob regime de inter-venção ministerial. Urge que sejam realizadas eleições livres em todos os sindicatos e federações. Os usurpadores de mandatos precisam ser varridos da atividade sindical dos traba-Ihodores. Para isso, o que se impõe, desde já, é a organização de comissões de operários em cada local de trabalho, de luta pela realização imediata de eleições em seus respectivos sindicatos, de modo a fazer sentir ao govérno federal, ao Par-lamento Nacional e ao povo em geral, através de telegramas, moções de protesto, abaixo-assinados e outras, manifestações legais, o firme propósito em que estão de reconquistarem suas organizações sindicais, transformando-as no instrumento de ação para a melhoria de suas condi-ções de vida e de trabalho.

Fora os agentes ministeriais a soldo do capitalismo! Abaixo o "con-gresso" do "pelegos"! Pela realização imediata de eleições sindicais!

A Comissão Executiva Estadual do PARTIDO SOCIALISTA BRASILEIRO

1.620.20

140.00

440,00

10.412.90

7.000.00

1.100,00 433,60 268,00

8.908.20 1.504,70

106,60

5.200,00 1.150,00 100.00 376.00 9.956.20 TOTAL DESPEZA Tipografia 7.000,00 700.00 219.30 114,00 130.00 TOTAL SALDO 1.792.90 BALANCETE DE "FOLHA SOCIALISTA" EM 30/6/49 RECEITA Saldo em 31,5 49 1.792.90 Contribuições Capital Florida Paulista 6.400,00 1.000,00 40.00 500,00

Assinaturas

Anuncios

SPEZA
Tipografia (n.o 27 e 28)
Ordenados
Remessa (n.o 28 e 29)
Registro
Despezas adm.
TOTAL
SALDO

TOTAL

BALANCETE DE "FOLHA SOCIALISTA" EM 31/5/49

Saldo em 30/4/49

A PLATAFORMA SOCIALISTA

maior acessibilidade dos serviços ao público.

b) — Reforma da organização judiciária no sentido de prestação mais econômica e mais rápida da justiça; oficialização de todos os tabelionatos e cartórios.

c) - Administração das emprésas de propriedade do Estado sob orientação democrática, mediante a participação, nos respectivos atos de direção, de representantes dos trabalhadores das emprêsas, eleitos pelos mesmos.

d) - Saneamento das finanças estaduais, através de medidas adequadas, especialmente a criteriosa aplicação dos dinheiros públicos.

e) - Reforma do sistema de imposto de vendas e consignações, visando a sua diminuição progressiva, até a supressão, para os artigos que constituem o minimo indispensável à habitação, vestuário, alimentação, tratamento médico e educação das pessoas de restrita capacidade econômica, bem como para os instrumentos manuais dos operários urbanos e purais e dos pe-quenos agricultores; majora-ção progressiva do imposto territorial e predial, urbano e rural, inversamente proporcional ao aproveitamento dos imóveis; isenção do imposto de transmissão para a propriedade imobiliária de pequeno valor destinada ao uso do adquirente e sua família, redução das taxas cobradas pelo Estado, especialmente do taxa de água, aos limites estritos da sua natureza, segundo o custo do serviço prestado.

3 - INDÚSTRIA E SERVIÇOS PÚ-BLICOS :

a) — Desapropriação e socialização progressiva dos serviços públicos de luz e fôrca, telefone, gás e transportes ur-banos e interurbanos.

b) - Planejamento industrial, incluindo o aproveitamento do potencial hidro-elétrico do Estado, o reaparelhamento ferroviário e rodoviário. medidas tendentes à diminuição do custo de produção e outras propiciadoras do desenvolvimento industrial em bases modernas.

c) - Progressiva municipalização e socialização dos serviços de distribuição de distribuição de carne e leite às populações dos centros urbanos do Estado.

4 — TRABALHO, HABITAÇÃO E CUSTO DE VIDA:

a) — Garantia a todos os trabalhadores empregados do Estado, das emprêsas paraestatais ou autárquicas estaduais de direitos iguais aos estabelecidos na legislação trabalhista para todos os trabalhadores em geral.

b) - Incentivo à organização de cooperativas de consumo e medidas tendentes ao combate à carestia e à especulação nos artigos de consumo popular.

c) — Medidas adequadas à solução do problema da habitação nos centros mais populosos, pela ação direta da administração estadual ou através dos municípios.

5 - EDUCAÇÃO E SAÚDE :

 a) — Plano de educação visando principalmente a difusão do ensino primário gratuito e obrigatório, especialmente no interior do Estado. Autonomia didática e administrativa da Universidade

b) - Orientação dos serviços de saúde pública, no sentido das tarefas propriamente higiênicas, de debelamento das endemias, prevenção e combate às epidemias, educação sanitária, organização de centros de saúde modelos e hospitais padrões, para orientar e estimular a eficiência das organizações previdenciárias, para-estatais e mesmo particulares, em favor da saúde pública

6 - PROBLEMAS RURAIS :

a) — Aplicação do principio constitucional do uso da propriedade condicionado ao bem estar social; desapropriacão e nacionalização das propriedades improdutiveis, incluindo sua cessão a cooperativas de produção, de traba-lhadores braçais; municipalização e socialização dos serviços de armazenamento de produtos agrários, das câmaras de expurgo, das usinas de refinação, dos portos de pesca fluvial e marítima, das minas e outras fontes de adubos naturais, etc.

b) — Medidas tendentes a assegurar à população traba-Ihadora dos campos os direitos de sindicalização livre, de associação, de reunião, de manilestação escrita e falada, de greve, de contrato coletivo de trabalho, residência fora das fazendas, liberdade de culto, descanso semanal remunerado, férias, proteção à mulher e aos menores no trabalho e, de em modo geral, todas as garantias asseguradas, na legislação trabalhista e sanitária, aos trabalhadores.

c) — Medidas tendentes ao incentivo da produção agrária, modernização e mecanização

da exploração rural, combate à especulação dos intermediários, amparo aos pequenos e médios lavradores, facilitação de crédito, desenvolvimento dos institutos de pesquisas e estações experimentais, etc.

POR UM JORNAL SOCIALISTA DIARIO

Conforme plano aprovado na última reunião plenária da Comissão Estadual, o Partido está empenhado em editar um jornal diário, sob sua orientação, dentro de curto prazo. Trata-se de um empreendimento de envergadura, que deve merecer todo o esforço dos socialistas de São Paulo.

Afim de ser lançada, desde logo, a campanha de angariação de fundos, é imprescindível que tenhamos um nome adequado para o jornal, nome sugestivo, que facilite a sua penetração no seio do povo. E, para conseguir isso, nada melhor que selecionar. entre muitas sugestões, aquelas mais felizes. Porisso, a C. E. Esta-dual pede a todos os membros do Partido em São Paulo que encaminhem'à séde do Partido, desde já, sugestões sôbre a denominação mais adequada para um jornal diário, de orientação socialista e que possa alcançar larga divulgação nos meios populares.

denuncia do...

(Conclusão da 1.a pag.)

Departamento Estadual do Trabalho. O que o Governo Federal quer é que o Departamento Estadual do e que o Departamento Estadual do Trabalho se preste ao jõgo eleitoral da grande burguesia brasileira, re-presentada principalmente pelo P. S. D. Enquanto ocupou os Campos Eliseos um cidadão de confiança dessa grande burguesia, não se incomo-dou o Govêrno Federal com o foto de São Paulo gosar de "autonomia" em questões trabalhistas. Mas quando se acha instalado no govêr-no paulista um aventureiro que não merece aquela confiança, corre o Governo Federal, açodadamente, proclamando o seu "interesse polos trabalhadores".

Assistimos a mais êsse episódio da luta entre os dois blocos eleitorei-ros, com absoluta indiferença, pois que êle nada tem a yer com o teresse do povo e especialmente dos trabalhadores de São Paulo.

A. C. C.

A próxima Convenção Nacional

O Partido Socialista e a Situação Internacional

Relatorio apresentado pelo comp. HEFMES LIMA

Dificil e cheia de pesadas nuvens, pressagiando borrascas, é a situação internacional. Requer um exame para ser melhor compreendida.

I

O desfêcho da guerra modificou radicalmente o panorama internacional. Das sete grandes potências existentes em 1939 — Alemanha, Itália, Japão, França, Inglaterra, Rússia e Estados Unidos — só duas, a rigor, emergiram do conflito conservando essa categoría. Dizemos — a rigor — em face da situação da Inglaterra que, apesar de tudo, conserva trunfos poderosos em suas mãos.

Mas, o após-guerra está

Mas, o após-guerra está dominado pela rivalidade dos chamados "dois grandes": Estados Unidos e Rússia. São os dois polos, os dois pontos de referência da política internacional do presente.

II

Apesar dos acórdos de Yalta e de Postdam, o mundo encontra-se dividido em dois blocos rivais, cujo antagonismo tem assumido, por vézes feições agressivas particularmente perigosas para a paz. A divisão da Alemanha ilustra bem o ocorrido. A divisão fora préviamente concertada. Esperava-se, apesar da forma política e econômica diferente apresentada pelas duas Alemanhas, entendimento e colaboração entre as partes ocupantes: ocidentais de um lado, russos, de outro.

russos, de outro.

Mas, na conferência de
Moscou, de março de 1947,
patenteou-se que os antigos
aliados não se entendiam sóbre o problema da Alemanha.
Pais de importância económica e estratégia fundamental, cada qual desejava organizâ-lo senão à imagem, pelo
menos para servir aos seus
interêsses. A questão da segurança nacional, que recobria
a segurança de dois sistemas
de vida diferentes — o soviético e o anglo-americano — passou a dominar as relações entre
os antigos aliados.

Em 1945, no outono, no ano

Em 1945, no outono, no ano da terminação da guerra, a Conferência dos Ministros do Exterior, terminou em fracasso. Grande parte, talvez a maior parte dêsse fracasso, proveio do segrédo que os americanos decidiram manter sóbre a manufatura da bomba atómica, já que não encontravam motivos para confiar nos russos. Molotov declarou então que, enquanto houvesse segrédo, nada de importante e perdurável se poderia fazer pela paz. Attlee tentou desfazer o "impasse", obtendo que os Estados Unidos concordassem num plano permitindo que o segrédo fósse partilhado. Daí a proposta, o plano Lilienthal. Ulilenthal.

Atribuir-se-ia ao Conselho de Segurança das Nações Unidas a autoridade para controlar em tôda parte a produção da energia atômica, de modo a assegurar que a mesma jamais se empregaria na guerra. Exigia isto a fiscalização permanente de tôdas as fábricas de energia atômica e também da produção do material respectivo, no território de cada pais. Eram agora os

russos que não queriam se submeter ao plano Lilienthal, alegando contra o mesmo o propósito de, a expensas do poderio soviético, tornar ainda maior o dos Estados Unidos.

III

E, todavia, na luta contra o nazismo e o fascismo, russos a aliados combateram juntos. Entretanto, o nazismo e fascismo proclamavam-se, acima de tudo, anticomunistas. Os regimes de Hitler e Mussolimi consideraram-nos os governos ou meios conservadores dominantes da Inglaterra, da França, dos Estados Unidos como a barreira por excelência contra o comunismo. Nésse sentido, tanto o ditador italiano quanto o alemão receberam preciosa ajuda. O grande empréstimo de Morgan a Mussolimi. Epoca do dilema — papão: Roma ou Moscou. Ninguém então, se lembrava de identificar nazismo e fascismo com comunismo.

Não é novidade que o médo do comunismo se conta entre os elementos mais poderosamente determinantes do fracasso da Liga das Nações. Abandonaram-se as sanções contra a Itália, no caso da agressão à Abissinia, porque os meios políticos e econômicos dominantes, ingléses e francéses, temiam que um cheque-mate no prestigio de Mussolini abrisse perspectivas aos comunistas na Itália. Pelo "incidente" da Mandchuria, em 1931, foi o Japão condenado como agressor. Mas para a Inglaterra, conforme nota Harold Laski. sacrificar a China ao imperialismo iaponés. era mais agradável do que detelo on destrui-lo.

Em face das agressões de Hitler, preferiu-se ou as ignorar ou considera-las fora dos quadros da Liga, no propósito de excluir a Rússia dos debates e decisões sóbre a matéria. Essa política culminou em Munich. Entretanto, a Liga expulsou do seu seio a Rússia, por causa da agressão à Finlandia.

IV

Apesar de tudo, aliados e russos terminam combatendo combro a ombro, a Alemanha hitlerista e a Itália fascista. O govérno inglés, presidido por ésse ilustre conservador inimigo jurado do comunismo, que é Churchill, não hesitou um segundo em aliar-se à Rússia. Não tardou muito, e os Estados Unidos reforçam a aliança, impelidos pela agressão nipônica.

agressao inponica.

Que teria acontecido para produzir tal acontecimento? A evidência da extensão e da implacabilidade da agressão nazi-nipo-facista. Alemanha, Itália e Japão langaram-se a um dos movimentos predatórios mais vastos da história e a cujo serviço colocaram a cujo serviço colocaram a mais bem aparelhada máquina militar até então conhecida. Desmascara-se o caráter agressor do nazi-fascismo contra tudo que não fôsse nazismo ou fascismo, ou ao sistema não quizesse se submeter. Patente fícou o engano daqueles que chocaram o nazismo con fascismo como a o fascismo como a constrator o contrator o contrator

barreira, por excelência, contra o comunismo. O nazi-fascismo não era apenas isto. Não se limitava a instrumento de uma política anticomunista. Era em si mesmo e para si mesmo um plano de dominação de povos, organizado em forma de pirâmide, em cuja cúpola se assentariam, detendo o contrôle da ciência e da técnica, os povos eleitos e, eleito entre todos, inclusive pela superioridade e pureza da raça, o povo alemão.

O nazi-nipo-fascismo caracterizara-se como inimigo comum a russos e aliados. Aos governos das democracias ocidentais parecera, que, pelo respeito à propriedade privada dos meios de produção, o sistema nazi-nipo-fascista serviria de aliado natural, embora não raro incômodo do sistema capitalista dominante nessas democracias. Politicamente éles, os nazistas e fascistas, formariam mesmo uma espécie de polícia especial, de polícia de choque contra os comunistas. O me-

lhor corpo dessa polícia localizava-se exatamente no ponto mais estratégico da Europa para deter a onda vermelha: eram os nazistas do terceiro Reich.

O caráter ditatorial, o re-gime dos campos de concentração, o racismo jamais constituiram obstáculo aos olhos dos governos das democracias ocidentais, a que o nazismo e o fascismo fóssem considerados aliados na luta anticomunista. Aos olhos dêsses go-vernos os aspectos políticos inerentes ao nazismo ou ao facismo, poderiam no máximo ser havidos como "males necessários". Os governos das demo-cracias, traduzindo os senti-mentos das classes dominan-tes, de que eram a expressão, só queriam ver no nazi-nipo-fascismo uma vanguarda encouraçada, motorizada do capitalismo contra o comunismo. Foi necessária a guerra
para que a ilusão se desfizesse. O nazi-nipo-fascismo desenvolveu-se, não como negação do capitalismo, é verdade, mas afirmando-o, porém dentro de um esquema de supremacia mundial de certas nações eleitas para conduzir as demais nações. Era a essa liderança, a essa submissão que aliados e russos seriam submetidos. O inimigo comum estava caracterizado.

VI

Com a palavra "democracia" procurou-se no decurso da guerra mascarar para efeitos de propaganda, de moral de guerra, as diferenças fundamentais entre o regime soviético e o regime capitalista. Sentiam, porém, os governantes mais lúcidos, Roosevelt à testa déles, que tais diferenças conduziriam a dificuldades muito sérias. Esse sentimento terá sido o principal responsável pela política dos acôrdos explicitos ou tácitos, cujo resultado foi a divisão da Europa em esferas de influência. A criação dessas esferas de influência suscitou problemas, que viriam sem tardança agravar as relações entre antigos aliados. Realmente, que significaria esfera de influência? Até onde o prestigio, os interêsses do "influente" ligariam a vida e o destino das esferas ao seu próprio destino? E' exato que os chamados países libertados ficaram adstritos ao respeito de certas linhas de conduta organizatória de ordem politica, aprovadas pelos "grandes".

Determinou, entretanto, a "guerra fria", alimentada pelas suspeitas reciprocas entre Estados Unidos e Rússia que as "esferas de influência" logo se convertessem em esferas de segurança. Rússia e Estados Unidos atiraram-se, antes de mais nada à organização da respectiva esfera de segurança nacional, prevenindo, cada qual a seu modo e com seus meios, os azares de possível luta armada.

Tirando partido da vizinhança, da presença de suas tropas da ação dos partidos comunistas, agiu a Rússia no sentido de assegurar seu predomínio nas "democracias populares". Nessas democracias, o partido comunista, através de golpes de fórça, assumiu o contrôle da vida nacional. Com diferenças locais, em cada uma delas estabeleceu-se uma ordem económica e política à imagem da ordem e da economia soviéticas.

A seu turno, os Estados, Unidos, monopolizadores da bomba atómica, não perderam tempo. Cercaram a Rússia de bases militares, principalmente aéreas. Armaram a si a consolidação do governo grego. Gastaram bilhões para auxiliar os nacionalistas chineses. E, afinal, o Pacto do Atlântico, e o consequente armamento pelos Estados Unidos das nações ocdentais da Europa, pelo receio de que viessem a ser vítimas de tentativas de ocupação soviética.

VII

Desde que surgiu, jamais deixou o regime soviético de causar desgôsto, apreensão e mêdo ao regime capitalista. Jamais deixou de ser combatido por êsse regime. Termi-(Continúa na 4a pag.)

Justiça do Trabalho

N. R. — Nesta Secção procuramos dar aos trabalhadores, leiteres de nosso jornal, algumas noções práticas sóbre questões trabalhistas, que possam servir-lhes de orientação. Nela, também, responderemos a todas as consultas que nos forem dirigidas, por empregados de quaisquer categorius, sóbre dúvidas ou questões que tenham em andamento.

A Greve e a Justiça do Trabalho

Como é sobido, até 1946, e desde a implantação da ditadura getuliato, a greve era totalmente proibida aos trabalhadores. O empregado que entrasse em greve cometia falta grave, que sujeitava a dispensa do emprégo, sem qualquer indenização, e estava, além disso, sujeito a processo criminal, pois a greve era expressamente prevista, no Cádigo Penal, como delito. Pouco tempo antes de ser promulgada a Constituição Federal, em 1946, porém, como os trabalhadores já haviam conquistado, na prática, o direito de greve, atravez de vários movimentos grevistas, após a queda da ditadura, e como os dispositivos constitucionais deveriam incluir o direito de greve, como uma dos garantias democráticas, o govérno Dutra promulgau o decreto-lei n.º 9.070, de abril de 1946, "e-gulamentando" ésse "direito". A "regulamentação" contida no decreto-lei n.º 9.070 representa pouco menos que o probição total da greve. Foi um dos muitos truques reacionários do govérno Dutra para fraudar uma das garantias democráticas fundamentais que a Constituição deveria assegurar aos trabalhadores. Por êsse decreto-lei, a greve é proibida em lodos os "ramos fundamentois" da economio. E como tais são considerados quase todas as atividades industriais, ficando, ainda, facultada a incluisão de outros atividades nesso actegoria.

inclusão de outros atividades nessa categoria.

A Constituição de setembro de 1946 incluiu, entre as grantias democráticas, o direito de greve, estabelecendo, perém, que a exercício désse direito será regulamentado em lei. Posteriormente, surgiu, no Congresso, um projeto de lei regulamentando a greve, projeto êse que, como muitos outros de grande importância, dorme há muito tempo em

gresso, um projeto de lei regulamenciando a greve, projeto êsse que, como muitos outros de grande importância, dorme há muito tempo em uma das comissões da Cámara dos Deputados.

Disso tudo resultou uma situação confusa para as questões trabalistas consequentes às greves operários, no Justiça do Trabalho. A solução mais simples e justa seria a Justiça da Trabalho julgar, desde logo, inconstitucional o decreto-lei n.º 9.070, a partir da vigência da Constituição que estabeleceu o direito de greve sem restrições. Mas, devido à sua forte inclinação patronal, a Justiça do Trabalho tem entendido de forma contrário, isto é, que, o decreto-lei n.º 9.070 é constitucional. Por outro lado, permanecem ainda de pé as dispositivos do Consolidação das Leis do Trabalho e do Código Penal que facultam a

Consolidação dos Leis do Trabalho e do Código Penal que facultam a punição da greve com a dispensa do emprêgo e a prisão.

Pensamos nós que essa tendência patronal da Justiça do Trabalho só poderá ser vencida por uma situação de fato que imponha a reconhecimento do direito de greve, já assegurado, formalmente, na Constituição.

Desde que a greve atinja um grande número de empregados de uma emprêso, de forma a tornar penosa e escandalosa a aplicação da Consolidação dos Leis do Trabalho e do decreto-lei n.º 9.070, os juizes trabalhistas serão levados a dar ganho de causa aos trabalhadores, como aconteceu, recentemente, no caso da Votorantim. Porque, sem dúvida, base legal existe para que toda e qualquer greve motivada por revinal-cações econômicas seja considerada legal, não passivel de qualquer penalidade.

ADVOGADO

cial tornou-se ainda mais aguda. O pensamento político anticapitalista ganhou maior impeto, expandiu-se por novos setores. Os partidos da esquerda — socialistas, comunistas, trabalhistas, que, por toda a parte, inclusive no mundo colonial, surgiram ou cresceram, alarmaram, de modo especial, o sentimento de segurança capitalista. Tinha de ser profunda a repercussão desse alarma nos Estados Unidos, convertidos especialmente depois da guerra em fortaleza do regime capita-

Na Inglaterra, os trabalhistas assumem o poder, infringindo aos conservadores derrota de alcance histórico e tanto mais significativa quanto na chefia dos "tories" se achava a figura de Churchill, que, na direção da guerra, se conduzira de modo a conquistar a gratidão nacional britânica. Derrotada que fôsse a Rússia pela Alemanha, teriam os trabalhistas ganho as eleições gerais em 1945? E' indubitável que a irradiação da idéia socialista e também da "ameaça" socialista deveu imenso ao fato de haver a Rússia emergido vitoriosa da luta.

Assim, ao findar-se a conflagração, tornou-se o "perigo" socialista mais iminente
do que nunca aos olhos dos
guardiões do capitalismo. Em
sua tipica reação conservadora, Churchill converteu-se,
desde logo, em porta-voz dos
receios do mundo capitalista.
Seu discurso de Fulton foi um
toque de reunir. A classe dominante norte-americana, os
homens de negócio, os grandes industriais cerraram fileiras em tôrno de uma política
para deter a "agressão" soviética. E através da máquina estatal americana, especialmente
do Departamento de Estado,
conduziram essa política ao
ponto de converté-la em elemento antes favorável à guerra do que à paz. Désse modo,
o imenso poderio americano,
reforçado pelo segrédo da
bomba atômica, pareceu enquadrar o momento azado para se assegurar o triunfo da
democracia burguesa sóbre o
sistema soviético.

VIII

Por sua vez, o caráter internacional do movimento comunacional do movimento comu-nista sofrera violento desvio. De movimento político ligan-do no plano ideológico par-tidos com os mesmos objetivos sociais revolucionários, acabou convertido pela Rússia em mo-vimento não só de defesa das posições, do prestígio da União Soviética, como em instrumento de seus designios próprios nacionais, no plano internacio-nal. Esse processo conduziu à completa subordinação à Rússia dos partidos comunistas não russos Foi o sentido da Terceira Internacional, Komintern, entre as duas guerras. Terminada a conflagração, em face do fracasso das negociações de Moscou, promoveu a Rússia a formação do Kominform, or-ganismo destinado a controlar com maior rigidez ainda a atividade dos partidos comunistas, inclusive o sentido de sua ação interna, conforme bem ilustra o episódio da Yugoslávia.

Engajada no jógo de prestigio e segurança com os Estados Unidos, e, por sua vez, movida também por suspeitas e desconfianças, antigas umas, contemporâneas outras, tirou a Rússia partido de seus triunfos

O PÁRTIDO SOCIALISTA E A SITUAÇÃO INTERNACIONAL

(Continuação da 3.a pag.)

militares, conquistando vasta zona de segurança em diversos países do oriente europeu. Nésses países "uma revolução de tipo misto, mas para — comunista, logrou o poder através de pequenas minorias apoiadas pelo ocupante militar". Essa expansão política e ideológica consideraram-na os governos dos países ocidentais da Europa e o govérno dos Estados Unidos, como atos de agressão, e que a mesma ameaçava, inclusive com o apoio do exército vermelho, a independência das nações européias.

Agrava-se, então, a política de intimidação reciproca entre os dois blocos. Ato típico dessa política foi a declaração dos partidos comunistas de que apoiariam a Rússia em caso de guerra.

Perdiam assim abertamente esses partidos o verdadeiro sentimento da solidariedade ideológica no plano da ação socialista, e, em consequência, começaram a trilhar o caminho das contradições escandalosas, dos recuos dramáticos, das investidas subitêneas, das atitudes paradoxais, exatamente porque se colocaram a serviço da política de uma potência como potência, identificando essa política com a causa do socialismo.

IX

A seu turno, a política americana para deter o "agressor" desenvolveu-se dentro de um quadro, que, desde logo, the imprimiu o caráter de política em defesa do "statu-quo" capitalista. Deter o agressor, mas para conservar a supremacia curiosamente chamada "free enterprise".

cariosamente chamada "Free caterprise".

Embora não ambicionem conquistas territoriais, os Estados Unidos precisam conquistar mercados. E" condição cada vez mais necessária ao desenvolvimento do seu potencial econômico, ao aumento senão à manutenção do seu intel de vida, ao progresso do seu comércio exterior. E" tal o desiquilibrio entre suas possibilidades de produção c as possibilidades de produção c as possibilidades de pagamento de seus clientes, que, para fazer face à conjuntura, elaboraram o plano Marshall, c cogitam de inverter capitais nas denominadas áreas atrazadas.

Dudo que o mercado interno não absorve a produção nacional, "a viabilidade do sistema americano, sobretudo considerado no sou presente nivel técnico, tem de escolher entre a captura de grandes mercados externos e o aumento de desempregados". Por isto mesmo são os Estados Unidos compelidos a intervirem na mais rasta área possível do mundo e, correlativamente, garantir "a segurança" dessas regiões contra qualquer sistema socialista. Em consequência, toda política socialista, ou mesmo a intervenção do Estado na economa, são consideradas pelas classes dominantes americanas como ameaças ao sistema da "free enterprise". De onde, a observação de Laski: "estão tentando a ajustar suas instituições econômicas à teoria chamada pelos seus homens de negácio de "livre empresa", exatamente no momento em que grande parte do mundo a está cada vez mais rejeitando, à acada eza mais rejeitando, a cada cada vez mais rejeitando,

luz dos próprios resultados que proporciona".

proporciona".

Do ponto de vista económico,
observa ainda Laski, "não são
os Estados Unidos "a free
trade power", mais um pais
fortemente mercantilista, e
não há razão aparente de supor que estejam dispostos a
abandonar o mercantilismo
em futuro próximo".

x

Evidentemente, os dois sistemas, o americano e o soviético, condicionam valores econômicos, sociais c culturais diferentes e mesmo antagónicos. Esse antagonismo sombreia pesadamente as relações entre os dois paises e torna cada qual déles mais suspeitoso do outro, suspeitoso até quanto a pesquisas científicas. Resta indagar se tal anta-

Resta indagar se tal antagonismo só poderá conduzir à guerra, ou se haverá possibilidade de coexistência dos dois sistemas.

Será a guerra fatal? Não se achará ao alcance da ação dos homens trabalhar os acontecimentos noutro sentido que não no de nos lançarmos numa luta de mútuo exterminio? A ação e a inteligência não são escravas dos acontecimentos. Condicionam-se aos acontecimentos, porém estes não determinam, com o pêso da fatalidade, que só uma saída exista para a superação dos conflitos.

A coexistência dos dois sistemas parece perfeitamente possível porque são imensas as possibilidades do comércio entre as duas áreas por éles cobertas. Os Estados Unidos encontrardo na esfera soviética de influência, na própria Rússia, na Asia, particularmente na China, mercudos que apidarão a manter sua prosperidade nacional e o funcionamento do seu sistema econômico. No desenvolvimento das áreas atrazadas, encontrarão por igual vastas chances de novos mercados. A política russo-americana teria assim de guiar-se pelo sentimento da compatibilidade da existência dos dois sistemas e, à esta luz, limpar a atmosfera internacional das medidas, dos obstáculos, dos receios que, impedindo a aproximação pelo comércio, isolam os dois mundos, agravam as desconfianças reciprocas e provocam a psicose da guerra. Assegurar a paz por meio da guerra esperar do triunjo de um bloco sôbre outro as delicias de um milánio "de morrático" on "socialista" é desconhecer, untes de mais nada o cardier da guerra sob a égide da bomba

A liberdade, cis a primeira vitima da guerra. A simples preparação parta a gaerra moderna processur-se-á com sacrificio da liberdade, pois "a preparação da guerra totalitária só pode ser totalitária". Totalitária pela natureza de suas armas e de seus métodos, ideológica pela visão do mundo, que separará os contendores, não deixará a guerra lugar para liberdade de espécie nenhuma.

nenuma.

Nós, socialistas, devemos
pensar que dessa guerra ndo
sairá o mundo preparado para nenhuma forma de libertação do homem das alienações

que o tornam um ser alheio ao próprio destino e desconhecedor dus próprias possibilidades. Ela poderá mesmo determinar a auséncia de elementos e condições capazes de proporcionarem base organizatória de pensamento e de ação política visando a sinteses máis elevadas do progresso social. A paz possivel não corresponderá a nenhuma idéia utópica ou idilica de paz. Significará antes de tudo, ausénicia de guerra. Mas permitirá, sem dúvida, que as transformações sociais em cada unçãos e processem dentro de um clima histórico comum, embora com diferentes repercussões em cada uma delas. Não apagraf, por certo, a atração ideológica das concepções políticas concorrentes. Mas ajudará a impedir que a vida interna dos povos tenha de configurar-se por um dos dois modelos em voga, pela simples razão de que

tais modelos deliberaram destruir-se um ao outro e, necessitam, portanto, de estender sua área de predominio e contrôle.

Nós, socialistas, estamos bem colocados, e de cabeça bastante fria, para verificar e proclamar que a causa da pas não se identifica nem com a causa da supremacia da Rússia nem com a dos Estados Unidos. O trabalho pela pas comporta diversos aspectos da mesma atitude; a) oposição à política e às medidas de intimidação reciproca (segrêdo da bomba atômica, pactodo Atlántico, corrida armamentista, declaração dos partidos comunistas de solidariedade à Rússia, etc.); b) apóio ao desenvolvimento do comércio entre Ocidente e Oriente; c) apóio ao intercâmbio cultural e livre troca de informações; d) conclusão dos tratados de paz com os povos vencidos e consequente retirada das tropas de ocupação; e regime da separação entre Igreja e Estado.

(Continúa na 5.a pag.)

INDICADOR PROFISSIONAL

ADVOGADOS

WILSON RAHAL

Praça Antonio Prado, 9 - 11.º andar Salas, 1107/9 — Fone: 3-4656

RESIDENCIA:

Rua Guoraró, 230 — SÃO PAULO

DR. JULIO DE ARAUJO FRANCO FILHO

RUA XAVIER DE TOLEDO, 46

Renato Sampaio Coelho Rua José Bonifácio, 209 11.o andar - Salas 1.104-6-8-10 Tel.: 6-3013

ADELMAR V. BRANDÃO ANTONIO COSTA CORREA

RUA FRADIQUE COUTINHO, 303 R. CONS. CRISPINIANO, 79

5.º Andar - Tel. 6-3013

HIRAM MAYR CERQUEIRA

Tel.: 3-5502 R. Sen. Paulo Egidio, 61 - 3.º

SÃO PAULO

Drs. Hozair Motta Marcondes e Carlos Nobrega Duarte Rua Benjamin Constant, 138

3.o Andar - Tel 2-6652

FREITAS NOBRE

Rua José Bonifácio, 233 - 3.º And.

HOSPITAL 9 DE JULHO

Rua Peixoto Gomide, 647

Fone — 6-6565 CIRURGIA GERAL ABERTA A TODOS OS MEDICOS

MADICOC

MÉDICOS

DR. FEBUS GIKOVATE Xavier de Toledo, 46 - 3.º

CLINICA DO APARELHO RESPIRATÓRIO
RAIOS X

Dr. Pericles Maciel

MEDICO

Consultorio: Benjamin Constant 61, 8.e

Residencia: Al. Rocha Azevedo, 1057 Telefane: 8-7458

DR. EMILIANO NOBREGA CLINICA MÈDICA Rua da Estação, 13

TREMEMBÈ DA CANTAREIRA

DENTISTAS

DR. OSVALDO ANTÃO
FERNANDES, C. D.

Clinica geral - Infecções dentárias - Clrurgia - Raios X - Dentaduras (com curso Post. Graduado)

curso Post. Graduado) Rua Barão de Itapetininga, 139 - 3.º and.

> Ap. 2 - Tel.: 4-0027 SÃO PAULO

GIARDINO & CINOPOLI
— ALFAIATES —

Serviços Finos RUA JOSÉ BONIFACIO, 387 - SALA 3

Legisland of Edition (1997)

INFORMAÇÃO INTERNACIONAL

IUSY - Escola de Internacionalismo

A União Internacional da Juventude Socialista foi fundada em Paris, em Outubro de 1946, por delegados de França, Espanha, Suiça, Austria, Alemanha, Holanda, Estados Unidos, Séligica e Luxemburgo, se bem que nem todos êstes países tenham aderido de imediato. Deste então, registraram-se as adesões de muitas outras juventudes, e ao segundo congresso da UIJS, realizado em Louvain, na Bélgica, em Agosto de 1948, compareceram 60 delegados de 22 países. A UIJS compõe-se agora de 28 organizações, em 17 países, que perfazem um total de 562.550 membros.

As juventudes socialistos são auténomos e cooperam com os partidos socialistos de seus países, comunicando-lhes a fibro vanguardista dos jovens. Não funcionam como organizações políticas distintas a não ser em questões especificamente juvenis. Integrando as juventudes de cada país ou a elas estreitamente ligados, existem organismos socialistos estudontis que, em abril de 1948, constituiram o comitê Estudantil Internacional.

A DIRECÃO

As juventudes socialistas espalham-se atualmente pelo mundo inteiro, incluindo os países coloniais
e as organizações emigradas ou clandestrias de países facsistrados ou
stalinizados. O atual presidente da
UIJS é o cantarada Strasser, jovem
socialista austríaco, herôi da luta
subterrânea contra os regimes reacionários da Austria de antes da
anexação, bem como contra a dominação nozisto, que o encarcecu
e submeteu oo trabalho forçado.
Strasser, cieito em Louvain, substituiu Bob Molenaar, da Juventude
Socialista Holandesa ("Nieuwe
Koers").

INTERNACIONALISMO

As J. S. tém lutado sempre por um forte movimento socialista, cons-ciente de seus problemas e objeti-vos, independente tanto do bloco americano como do bloco russo, certos de que uma verdadeira terceira fórça internacional não pode ter ou tro fundamento segão a luta proletária pelo socialismo. O manifesto lançado em Paris, em 1946, representou uma magnifica compreensão das tarefas apontadas hoje ao movimento socialista, batendo em cheio a atmosfera de confusão então existente e que era produzida pela in-fluência crescente do stalinismo na Europa, pela polarização que já começava a se verificar entre os Es-tados Unidos e a Rússia, e também pelas ilusões alimentadas durante a guerra. Quando ainda não se fa-lavo em Terceira Fórça; as reivindicações de caráter socialista eram abandonadas em favor da organização das soberanias nacionais; e multiplicavam-se pela Europa os gabinetes de coalisão - os jovens socialistas levantaram a bandeira da luta contra os dois blocos: paz democrática, socialização e unifica-ção da Europa, substituição do apa-relbo estatal burguês pela democracia socialista.

ESTADOS UNIDOS SOCIALISTAS DA EUROPA

Atualmente a UIJS coloca-se à frente do movimento pri Estados Unidas Socialistas da Europa. Há pouco tempo, "Folha Socialista" publicou um artigo, extraído do "Boletim Internacional da UIJS", em que se colocava, com a maior clareza, a necessidade da unificação européía. Nos países em que jó se marcho a largos passos para o socialismo — Inglaterra e países scandinavos — as juventudes tomam parte ative na elaboração e execução e execução

dos programas governamentais. Não tem sido menor a atividade nos países coloniais; destacaremos a participação dos jovens socialistas indonésios na resistência às agressões imperialistas e os esforços dos hindús por sua independência.

NA SUÉCIA, ALEMANHA E AUSTRIA

A juventude socialista mais numerosa é a sueca, que conta com 104.000 membros. No centro da Europa, encontra-se a "Juventude Socialista Alema", ao lado dos "Falcões Vermelhos" e da "Liga Estudantii" que, desde o fim da guerro, vem-se batendo pelo reerguimento do movimento operário teuto e pela reconstrução socialista e democrática da Alemanha e da Europa. Ainda há algumas semanas, os jovens socialistos do pais de Rosa Luxemburgo tomavam parte ativa na memorável greve do proletariodo berlinense; a imprensa mundial noticiou a prisão de oito "falcões vermelhos" pelas autoridades russos de ocupação.

A Austria é outro velho reduto do socialismo europeu onde as durezos da guerra e da ocupação não arrefeceram o ânimo dos jovens socialistos. A juventude austriaca conto-se entre as mais ativas e seclarecidas. Ainda há pouco, os russos proibirom a publicação do "Stimme der Jugend", jornal conhecida pelos socialistos do mundo inteiro. Nossos jovens camaradas austríacos não cederam: imediatamente passaram a publicar um novo árgão intitulado "Não Obstante" ("Trotzdem").

NA FRANÇA

A juventude francesa tem sido talved a mais radical e independente das organizações européias. No explosivo ambiente político da França de após-guerra, as "Jeunesses Socialistes" bateram-se por uma política operária consequente, camo poucos agrupamentos dos esquerdos francesos, denunciando tanto a política oportunista e anti-operária dos dirigentes da S. F. I. O. quanto a política aventureira e o caráter não socialista dos Thorez e Cía. Os Ramadier etc. aplicaram sanções contra os combativos maços. Afastando-se da S. F. I. O. o aporelho nacianal da "Jeunesse" foi um dos fatores decisivos para a constituição do "Rossemblement Démocratique Révolutionarie". O antigo órgão juvenil "Drapeau Rouge" passou a ser órgão aficial do R. D. R., que congrega, em França, todos aqueles que visam a ressureição internacionalista e revolucionária do socialismo europeu. Uma fração preferiu, no entanto, permanecer na S. F. I. O.

ESPANHA E INGLATERRA

A juventude espanhola exilada em França não esmorce na prolongada luta contra Franco. Seu jornal 'Renovación' e seu baletim de informações são distribuídos a todos os países. Conto 32.500 membros. Seu líder, Martinez Dozi, é uma dos figuras salientes da UIJS.

As juventudes holandesa, belga, suiça e escandinavos lutam pelo socialismo em seus países. Os holandêses dedicam especial atenção à UIJS, cuja séde é em Amsterdam.

A juventude socialisto inglêsa é de fundação recente. Ingressou na UISS depois de Congresso de Louvain, dispondo ainda de reduzidos efetivos. Prepara uma grande reunião compestre de verão em Filey para a qual convidou todos os sindicutos filiados ao "Labour Party" a enviar jovens operários. A liga estudantil é mais antiga e já publica quatro jornosi; seu ex-lider, Donald Chestworth, é atualmente o secretá-

rio estudantil da UIJS. Existe também uma "Federação Britânica dos Jovens Cooperativistos".

NA ITÁLIA

A "Federação Socialista Juvenil da Itália" é outra esperança de ressurgimento do socialismo num pois em que as forças socialistas se dividem entre um govêrno de coalisão com fórças reacionárias e o colaboracionismo absorvente com o stalinismo. A "Federazione Giovenile Socialisto" rompeu há muito tódas as amarras com o partido de Nenni. E' antónoma, muito ligada ao PSLI, mantendo-se porém mais à esquerda.

EUROPA ORIENTAL

A cortina de ferro caída sóbre a Europa Oriental jogou na ilegalidade e persegue nossos jovens componheiros daqueles países. Grupos juvenís socialistas da Lituanio, Checoslováquio, Rumánia e Hungria atuam no exilio. E o autor dêste artigo está informado de que, mesmo em Portugal, uma juventude socialista autionome mantém acesa a chama da libertação humana, em meio as trevas do salazarismo; não está, porém, filiada à UIJS. Não esqueceremos as juventudes socialistas judáicas funcionando em muitos países e desempenhando popel de destaque na organização e defesa do Estado de Israel.

AMÉRICA

No Canadó, a mocidade da Federação Cooperativa da Comunidade toma parte ativa nas campanhas eleitorais. Nos Estados Unidos, a "Young Peoplo's Socialist League" do Partido Socialista Americano, fillouse à IUJS na mesma ecosião-em que a "Labour League of Youth" o fez Existem outros grupos menores, como a "Liga Juvenil pró-Democracia Industrial" e um grupo de jovens do ex "Worker's Party", atual "Liga Socialista Independente". Na Austrália também se desenvolve a J. S.

Na América Latina não existem juventude diretamente filiados à UJS, que, no entanto, dispõe de correspondentes em quase todos os países latino-americanos. Existem juventudes nos partidos chileno, argentino, uruguaio, na APRA e na "Acción Democrática".

COLONIAS

Nos países coloniais, India e Indonésia, nossos jovens camaradas progridem. Estudantes indonésias e indús, em universidades holandesas e británicas, constituem grupos estudantis filiados à UIJS.

REUNIÕES INTERNACIONAIS

Um dos aspectos mais interessantes da atividade da UIJS é o caldeamento de uma firme consciên-

O PARTIDO SOCIALISTA E A POLITICA INTERNACIONAL

(Conclusão da 4.a pag.)

Dentro dêsse quadro e em face das condições acima analisadas, a posição do Partido Socialista na política internacional e. considerando especialmente, a "guerra fria" entre Estados Unidos e Rússia, deve orientar-se nos seguintes rumos: 1) trabalhar pela paz, lutando pelo desenvolvimento das Nacões Unidas; 2) condenar a politica agressiva ou de expansionismo de segurança dos dois blocos rivais: 3) apoiar todos os passos e medida que visem a esta-

belecer o intercâmbio comercial e a troca de informações entre Ocidente e Oriente; 4) não favorecer os intúitos da contra-revolução burguesa, mas lutar pelo socialismo com espírito socialista e democrático; 5) apoiar os planos de recuperação econômica e financeira entre as nações. compatíveis com a independência política qus mesmas; 6) combater a corrida armamentista; 7) defender a independência dos povos.

cia internacionalista na juventude e o estreitamento das relações entre os partidos irmãos. Isto se obtém pelos congressos e reuniões frequentes e pelo troca assidua de jornais, cartas e boletins de cunha ideológico e informativo. Há uma tendência bostante pronuncidad no sentido de transformar a UIJS em uma autêntica Internacional Juvenil, parte de uma forte Internacional Socialista. No boletim comemorativo do Congresso de Louvain, um artigo de um membro da juventude Suiça fazia-se porto-vaz desta posição ao mesmo tempo que atacara as deformações centristas do conceito de Terceira Fórça.

São comuns na Europa as reuniões compestres organizadas pelas juventudes de cada pois ou pela própria UIS, em que se reunem delegações de vários países. Neste verão e no próximo outono preparam-se 29 destas reuniões. A UIJS estabelecerá na Suécia, em 1950, um Campo Internacional ande se espera reunir nado menos de 200.000 jovens. O campo internacional de 1948 do UIJS celebrou-se na localidade austriaca de Ebensee. Durante algumas semanos, a enorme delegação instalada naquela área constituiu a República Juvenil Internacional do Ebensee. En então que se decidiu a comemoração mundial do Dia do Juveniude Socialista, marcado para 17 de Outubro. Em tais reuniões processam-se debotes, conferências, leituras, bem como variadas atividades culturois e esportivas.

CALUNIAS STALINISTAS

A UIJS desenvolveu-se na Europa sob uma onda de ataques, colúnias e até violáncios fisicos por parte do stalinismo. Desde a fundação ela manteve absoluta independência em face da "Federação Mundial da Juventude", inácua organização de frente única dirigida pelos filhos do "Pai dos Povos" com a hipocrisia e o maquiavelismo costumeiros. Por ocasião do Congresso de Louvain, um jornal stalinista austriaco acusou a UIJS de ser um dos principais responsáveis pela subotagem e resistência clandestina a leste da cortina de ferro. Afirmou ainda que em Louvain haviam-se formado grupos para tais objetivos. A direção da UIJS processou então por calámia o referido jornal. E agora Viena prepara-se para ser palco de um sensacional julgamento, em que se defrontarão os dirigentes da UIJS e altos burocratos das "democracias populares", — inclusive o vice-premier checo — que comparecerão na qualidade de testemunhas da defeso.

Ninguém pode contestar a importância e a significação da UIJS. Ela agrupa socialisticamente a juventude, sobretudo no continente em que se chocam os conflitos que dividem o mundo de nossos dias. E o faz leventando a esplêndida bandeira dos Estados Unidos Socialistas da Europa. E um dos pilares do Terceira Fárça. Representa um dos instrumentos mais promissores para o ressurgimento mundial da luta pelo Socialismo e pela Liberdade, que já dessonta

Quanto a nós, jovens socialistas brasileiros, lutemos pelo progresso do movimento socialista no Brasil para que, em futuro próximo, éle crie uma juventude que nos representará na IIIS

JOVEM SOCIALISTA

P. S. Este artigo já estava escrito quando chegou a noticia da realização do processo de Viena, da UIJS contra um jornal stalinista. Os stalinistas desistiram de trazer seus oltos buocratos e perderam a questão, tendo sido obrigados a publicar a sentença na primeira página do jornal.

Os Problemas do Stalinismo A Crise no Bloco Russo

Não hoverá maneira de explicar-se verdadeiramente a crise, surda porém profunda, que na hora atual vive o stalinismo em quase todos os países do leste europeu submetidos à sua ditadura, sem compreender antes as causas de contradição existente em todo êste monstruoso e disparatado edificio social que é o geralmente chamado "bloco soviético". Contradição que nasce antes de tudo dos necessidades próprias dêstes países, assentados em bases sociais novas, e das obrigações que despótica e inexoravelmente lhes impõe o Kremlín.

Estas contradições — melhor dito: a expressão exterior das mesmas — o imperialismo russo tratou de reduzi-las ao minimo, empregando para isso uma tática sinuosa e ao mesmo tempo hábil, tendente a servir-se de quase tódas as fórças políticas, inclusive de fórças reaccionários como os agrários na România, os católicos na Hungria e os pequenos proprietários na Polônia. Os fantoches comunistas que o exército vermelho hovia levado em suos mochilos e imposto logo, dada a escassa influência dos mesmos, apareceram a princípio como alguns collaboradores a mais, porém os que de-

fendiam as concepções patrióticas e nacionalistas com maior ardor. Isto tinha por objetivo arrebata tódas as armos aos demais, já que é de destacar que foi sóbre o base dos interésses nacionais e não dos interesses de classe que os diversos partidos comunistas desenvolveram tóda sua política. Uma vez lagrado tal objetivo, e também como necessidade imperiosa imposta pelo próprio curso dos acontecimentos, o stalinismo vivu-se obrigado a ir eliminando um a um todos os demais setores, eté não erstar mais que um

(Continúa na 7.a pag.)

A AVENTURA DAS REFINARIAS DE PETRÓLEO

dústria deixará de dominá-la, principalmente tratando-se da indústria de petrálea o achando-se ásess 40% na posse de companhia poderosa e experiente como a Standard, porque se fór rigarosamente necessário arranjar um "testa de ferro" com 11%, será muito fácil obtê-lo. Em 1938, informada de que ja sur-

Em 1938, informada de que ia surgir a Legislação nacionalista do petróleo, a Standard tentou, em São
Paulo, o que podemos chamar o golpe do direito adquirido, oparentando a instelação de uma refinaria que
ela própria choma de modesta. Mos
era mois que modesta. Não valia
nada essa refinaria, como ficou demonstrado pela perícia técnica mandada efetuar pelo Conselho Nacional de Petróleo. E' o essa refinaria
que o General Horta Barbosa se refere, numa de suas conferências,
nestes térmos:

"Visitei essas inacabadas instalações, as quois também foram inspecionadas por técnicos do Conselho. Eram tão mesquinhas, que se concluidas, só poderiam dar produtos de qualidade inferior e por preço acima do importado, caso não prevalecesse a protecão aduancira".

Eis aí a que se reduziu a refinaria que a Standard, com ares de grande pesar, alega não lhe ter sido possivel inaugurar, por cousa do Decreto-lei n.º 395, de 29 de abril de 1938.

Vejamos agora, Sr. Presidente, a nova arremetida dos concessioná-

Nas declurações do grupo Soares Sampaio ao "Corrcio da Manhã" se diz que se o Govêrno, que tem o contrôle das cambiais, garantir a venda da refinaria da Tchecoslováquia, o grupo concessionário garante o pagamento imediato ao Banco do Brasil de todo o seu valor correspondente em cruzeiros. "No mesmo dia em que as peças chegaram a Santos, o Banco do Brasil — diz o grupo — receberá de nossa firma a contrapartida em cruzeiros". E fala arasse o municipartido.

E fala grosso o grupo Soares Sampaio, afirmando que dinheiro não lhe falto. E o banqueiro E. G. Fontes, figura de próa dêsse grupo, afirmou a alguém que só éle poderia pagar a refinaria!

Portanto, o grupo alega que não lhe faltam capitais, que tem dinheire de sobra. Mas — chamo a atenção dos Se-

Mas — chamo a atenção dos Senhores Deputados para éste ponta se a grupo Soares Sampaio possui tanto dinheiro assim, só êle e mais ninguém é responsável pelo retordamento da instalação da refinaria de que fóra concessionário. Ninguém mais é responsável pelo retordamento da instalação dessa refinaria se êle dispõe dos capitais que alega.

A concessão ao grupo Soares Sampaio, como ao grupo Drault, foi outorgada exatamente para que o capital privado nacional, aplicado a um negócio de lucro certo, ajudasse o Govêrno a fundar nossa indústria de retinaccio.

Para isso é que as concessões foram abertos. Pois, apesar de assumir êsse compromisso, de estar com as burras atochadas de dinheiro, que fez o grupo Soares Sampaio? Propôs ao Banco do Brasil, pràticamente ao Govérno, tomar emprestados treze milhões de dólares a prazo de dez anos e juros de 6%, para comptor uma refinaria na Tchecoslováquia. Então, com o bólso cheio de di-

Então, com o bólso cheio de dinheiro, dinheiro com que o Estado contava para o instalação da refinaria concedida, vem o grupo, depois de obtida a concessão, querer fazer a festa tôda com o dinheiro do Govêrno.

O ATRAZO NA COMPRA DA REFINARIA

Quando, na entrevista ao "Correio da Manhā", o grupo Soares Sampaio atima que o titulo requerido em agósto de 1945 só lhe foi entregue em agósto de 1947, está faltando, literalmente, à verdade. O título de agósto de 1947 é o da nova concessão de S. Paulo. Desde setembro de 1946, o grupo estava de posse do titulo de concessão para a refinaria no Rio de 2 mil borris diários, com 60 milhões de cruxeiros de capital. Pediu depois transferência da concessão para São Paulo, porque o tereno que havia indicado para instalação de sua refinaria pertencia à Aeronáutica. E essa transferência lhe foi concedida, porém em melhores condições. A cota de 8 mil barris subiu para 20 mil, mas o capital permaneceu em 60 milhões de cruzeiros. O grupo ainda se queixa da burocracial

O Sr. Coelho Rodrigues — E ainda ficava com a vantagem de explorar o mercado paulista.

O SR. HERMES LIMA — No discurso que devia proferir no Senado e loi transcrito nos anais daquela Cosa do Congresso, o Sr. Correia e Castro, insuspeito, insuspeitissimo ao grupo Soares Sampaio, esclarece que depois da guerra, pelo Decreto n.º 9,025, de 27 de fevereiro de 1946, se restabeleceu a liberdade cambial. Explica o Sr. Correia e Castro — ésse passo é importante: "Até 2 de junho de 1947 as importações e exportações eram inteiramente livres, em virtude da política de liberalidade, de movimentação de mercadorios e capitois. Todos poderiam importar aquilo que porecesse conveniente.

Até maio de 1948 essa era a situação — liberdade completa para
importar. Depois de 6 de maio de
1948 entrou o regime de licença prévia, mas, como hovia ainda disponibilidade, a importação — diz o Sr.
Correia e Castro — continuava livre.
Apenas — acrescenta éle — as divisas para resgate eram conceidas
em ordem de prioridade, com o tim
de facilitar a aquisição de bens essonciois".

Désse modo, Sr. Presidente, durante 13 méses de 1946, durante od o ono de 1947 e durante o decorrer de 1948, o grupo Socres Sampaio, que diz possuir tanto dinheiro, poderia comprar livremente os divisos necessárias oo pagamento da relinacia. Mas que fez o grupo, que agora se blasona de tão rico? Deixou pasar a longa oportunidade que lhe ofereceu de adquirir, com seu príopio dinheiro, as divisos necessários on negócio. E por que não o fez? De duas, uma: ou porque não tinha recursos, ou parque, desde o infoi co, esperava montar a refinaria com o dinheiro do Govérno do guar de pode de pode

Mas a concessão foi outorguda, como já disse, para que os capitais privados nacionais ajudossem a instalar a indústria de refinação. O Estado não prometeu financiamento mem ajuda financeira. O Decreto-lei n.º 395 limito-se a dar garantias de zona e de preço; não manda financiar.

Esta situação, Sr. Presidente, não muda se o grupo Sampaio retrucar que o negócio só se podia tazer com fundos congelados na Tcheslováquio. Mas, que proposta lez éle ao Gavérno, a fim de dispór desses fundos para a compra da refinaria tcheca? A proposta que éle fez ao Govérno foi a de fornecer-lhe o Govérno és-ses fundos, mediante empréstimo por dez anos e a juros de 6%. Jamais propós a operação de os pagar imediatamente ao Banco do Brasil, no seu equivalente em cruzeiros.

A Ata do Conselho Nacional do Petróleo de 24 de setembro de 1948 não dispôs que o Banco forneceria, por empréstimo, ao grupo Soares Sampaio as corôas tchecos no valor de treze milhões de dólares. O que essa Ata fez foi um esquema no sen(Conclusão da 8.a pag.)

tido de propor ao Govérno que o Govérno fornecesse as divisos, mas fornecesse as divisas pagando o grupo as divisas se não as tomando por empréstimo. Nem o Conselho Nacional do Petróleo, nem o Govérno são, portonto, responsáveis por um minuto de atresa na instalação da refinaria do grupo Sampaio ou do grupo Drault. O Govérno não tem nenhum responsobilidade na instalação dessa retinaria. Quem tem responsabilidade são os próprios concessionários que os querem montar a todo preço não com o capital próprio, mas com o capital fornecido pelo Govérno! O Govérno, pela palorra do Senhor Presidente da República, alir-

O Govêrno, pela palavra do Senhor Presidente da República, afirma que nunco prometeu emprestar dinheiro a nenhum dos concessionários

O grupo Sampaio diz que, assinados os contratos, os entregou ao Govérno para que fosse dada execução, na parte déle Govérno, ao que se decidira, na Ata. Mas, nessa porrentura se decidia que o Govérno financioria, emprestaria dinheira aos concessionários? Responde a isso os. P. Presidente da República nas informações que remeteu a esta Casa. S. Excia. "jamais determinou ao Banco da Brasil, ou a qualquer outro órgão, que realizasse empréstimos aos concessionários, quer em moeda nacional quer sob a forma de financiamento em divisos".

Os concessionários, Sr. Presidente, tomaram como promesso de empréstimos, recomendação para que lhes fássem vendidas as divisas, mas para comprar divisos nenhum dēles apareccu nos "guichets" do Banco do Brasil. A parte do Governo era, apenos, aprovar os contratos.

O ROMANCE DAS REFINARIAS

O romance dessos relinarios e désses concessionários — direi melhor a aventura desses concessionários não termina nunca. Oferece sempre episódios novos.

Vejamos um deles.

Na aproveção dos contratos ocorreu episódio curioso. Apresentado pelo Grupo Sampaio ao Conselho Nacional do Petróleo o contrato com as "Usinus Skada" que será a construtora da refinaria, o Conselho, para aprovar êsse contrato, exigiu que o grupo Soures Sampaio pagasse o sélo, como era natural, no valor de dois milhêos de cruzeiros. Para quem dispõe de tanto dinheiro, dois milhões de cruzeiros não seriam nada de mais. O concessionário replicou que o contrato encerrava cláusula suspensiva; logo, só pagaria depois de satisfeitas essas condições. O Conselho replicou muito bem, que a lei do sélo vigente exige o pagamento, mesmo existindo no contrato da Fazenda, Sr. Correio e Castro, e o resultado foi que, até hoje, o grupo Sampaio ainda não pagau os dois milhões de sélo do contrato com a "Skoda", por intervenção pessoal e direta do ex-Ministro da Fazenda, Sr. Correio e Castro, e

O Sr. Coelho Rodrigues — E Sua Excelência dizia nada ter com as retinarias...

O SR. HERMES LIMA — A oventura das refinarias ou dos concessionários não terminou. E, agora, acham-se de novo na ofensiva para arrancarem dos cofres do Banco do Brasil o dinheiro que dizem possuir, mas que, positivamente, não possuem. Os dez mithões de caução que o grupo Soares Sampalo depositou no Tesouro são representados por titulos emprestedos em comodado a empresa.

Não são nem títulos da emprêsa os títulos dessa caução; são títulos dados em comodato, quer dizer, sem juros à empréso. Sob esso forma de empréstimo, não pertencem a quem foram dados os títulos, mas pertencem a quem de foto é o seu possuidor e que, em qualquer momento, pode reclamá-los, por isso mesmo que o empréstimo em comodato é um empréstimo sem juros. Dinheiro mesmo, limpo e contado, dos concessionários do grupo Sampaio, só tenho noticia, até agora, de 500 mil cruzeiros, que deram de sinal pela compra do terreno em São Paulo, Mos, terreno em São Paulo, cidade que dentro de um quarto de século será com certezo a maior da Américo Latina, é sempre bom negócio, com refinaria ou sem ela.

Agoro, no entrevista ao "Correio da Manhā", olardeou o grupo Sampaio que, se o Govêrno lhe garantir a vinda da relinaria, éle garantirá o pagamento imediato de todo o seu valor corespondente em cruzeiros. Esse pagamento, que éle diz imediato, é o imediato mais engraçado do mundo! será feito à mediad que os peças da refinaria forem chegando ao parto de Santos. Este é o imediato, porto de Santos. Este é o imediato, porto de Santos. Este é o imediato,

Mas isso ainda é empréstimo e, agora, oté sem juros, porque a maquinária, se encomendada agora, só chegará daqui a uns três anos. De modo que o Govérno paga adiantadamente, na Tchecoslováquia, e o concessionário vai pagando, à medida que as peças forem chegando em Santos. E chamam a isso pagamento imediato, na bôca do cotre.

Sr. Presidente, se o grupo Sampaio dispõe mesmo de dinheiro, como está roncando, e se quizer dar uma demonstração de idoneidade financeira, proponha ao Govérno coisa mais claro; proponha pagar no ato da assinatura do contrato com ao Skoda o equivalente em cruzeiros das coroas que lhes serão entregues na Tchecoslováquia. Proponha isto.

Concordamos em que o Governo do Brasil entre em entendimentos com o da Tchecoslováquia, para ficar rantida a entrega da refinaria. Obtida essa garantia de Governo para Governo, que o concessionário paque imediatamente o montante de 13 milhões de délares em coroas tchecas, que pague êsse montante no seu equivalente em cruzeiros na hôca do cofre do Banco do Brasil. Propo nha e faça isto, porque essa história de pagor a maquinária quando che-gar em Santos, daria no seguinte : quando ela ai se encontrasse, não seria "humano" nem "patriática" apertar os concessionários, para uma despesa cujo reembolso o Estado pode esperor. Seria tão certo, como dois e dois são quatro, que o "concessionário" nesso oportunidade, es-taria muito "apertado" em face das grandes despesas de instalação a enfrentar. Ora, imolado assim ao sa-crificio de instalar o monopólio de uma refinaria para abastecer São Paulo, não seria "patriótico" se se visse "apertado" em momento tão delicado, quando as máquinas já se encontrassem no porto de Santos, e acabaria obtendo, por esse ardil, o empréstimo que nunca conseguiu, através dos contact men, através das influências subterrâneas de que dispõe nos conselhos do Governo. O para início da concessã res Sampajo está esantado. Observe bem a Câmara: o prazo para ini-cio da concessão Soares Sampaio está esgotado. A concessão po já é juridicamente vulnerável, bre-cha formidável, sob o ponto de vista jurídico, para o cancelamento da concessão. O prazo está esgotado e nenhuma obra foi começada.

AS LIGAÇÕES DO GRUPO SAMPAIO

Sr. Presidente, a minha convicção íntima é de que o Grupo Sampaio tem ligações profundas com os trustes, com a Standard Oil, porque componentes daquele Grupo se têm

encontrado, em reuniões intimas com os dessa Companhia, para con-versarem sóbre negócios. Essa con-vicção foi reforçada em meu espírito à luz da informação, ontem por mim recebida, de que na proposta apresentada pelo Grupo Sampaio ao Conselho Nacional de Petróleo se de-clarava — vejam bem os nobres Deputados — que, "se a lei brasileira fôr modificada para permitir a as-seguração do capital estrangeiro, teremos o financiamento necessário e teremos quem nos forneca o óleo crů". E' precisamente essa ma ção que o anteprojeto do Estatuto propunha, na proporção de 40% do capital estrangeiro, para as refinarios que se organizarem, a fim de produzirem o óleo a ser consumido no país. E' esta exatamente, a modificação pleiteada pelo Grupo Soares Sampaio, para ter o financiamento das arandes companhins de petróleo, que o projeto de Estatuto ora nesta Cámara propõe.

Passemos, agora, Sr. Presidente, às alegações da concessionária Drault

O GRUPO DRAULT

O concessionário Drault queixa-se amargamente do Governo, dizendo que o Governo tem sido moroso em lhe dar os favores a que é obrigado pelo Decreto-lei n.º 395 e, também, que o Governo não lhe deu, até agora, o financiamento a que se com-prometera. Ora, o Decreto-lei n.º 395 não mandou dar financiamento algum. O que o Decreto-lei manda dar ao concessionário é a garantia de zona e de preços mínimos, para assegurar o lucro dos concessionários. Quando os concessionários ale-gam que estão obrigados a vender pelo preço que o Estado determinar, esquecem-se de acrescentar que o Estado fixa um preço para lhes ga-rantir lucros certos, para defendê-los contra a concorrência e o "dumpina". A lei não manda financiar nem em-prestar dinheiro; os favores que a lei assegura já representam, em si mesmos, um monopólio — o monopólio da zona de abastecimento — e o privilégio de terem preços que lhes dêm lucros certos

Ora, esse monopólio é tão vantajoso que eu mesmo já cuvi de um dos concessionários que us refinarias se pagariam no prazo mínimo de 3 o 5 onos de funcionamento, já ouvi isto de um dos concessionários : que as refinarias se pagariam no prazo mínimo de 3 a 5 anos de funcionamento.

Queixa-sc, também, o concessionário Drault, da burocracia, mas sem razão. Não tem razão alguma. A concorrência foi decidida em janeiro de 1946. Decidida a concorrência, joi éle organizar a sua companhia. O título só lhe podía ser entregue depois que tivesse a companhia organizada. E êsse título, quando se apresentou com a companhia organi-

(Continúa na pag. 7)

As CC. MM. do interior

A direção de FOLHA SOCIA-LISTA solicita oos comps. dos Comissões Municipois do interior, que enviem regularmente à redação dêste jornal, noticário sóbre as atividades partidárias, a fim de que possamos manter todo o partido informado a respeito de nossas atividades no interior do Estado. Outrossim, solicita aos comps. do interior que enviem sujestões e colaborações para esta FOLHA, permitindo, dessa maneira, que o nosso jornal seja, de fato, expressão do pensomento de todo o Partido.

A aventura das refinarias de petróleo

zada, lhe foi entregue, em setembro de 1946. Não foi antes porque sua emprêsa não estava organizada. O aforamento do terreno ocorreu em fins de 1946. Mas o terreno foi logo posto à disposição dele, para fozer sondagens e, entretanto, até hoje, êsse concessionário não assinou a escritura de aforamento, não pagou nem a joia nem o fôro.

Teve o terreno para fazer sondagens, sem assinar escritura de aforamento, sem pagar a joia e sem pagar o fóro — e se queixa da burocracio, alegando que a burocracia é que está projudicando.

eracia, ategonaa que a burcarcia é que está projudicando.
Alega mais, o Grupo Drault, que o Govêrno decidiu financiar. Orç, ésse grupo também podia ter obtido dólares à vontade: Durante dois anos e tanto os dólares estiveram aí para serem comprados por quem tivesse dinheiro para comprar. O presidente da República afirmou que não mandou financiar ninguém. O concessionário Drault afirma que o Presidente da República mandou financiar. Com quem está a verdade? Com Presidente da República ou com o concessionário Drault afirma.

Este concessionário não quer, tombém, que o Estado tenha lucros nas refinarias, para não ir de encontro à política de preças baixos da energia. E' isto mesmo, mas ôste é um dos motivos pelos quais se condenam as concessões particulares, que visam maiores lucros. O Estado, explorando a refinação estará, a nosso ver, em condições de assegurar preços mais baixos do que o particular.

O ESCANDALO DO MATAPARI

Direi, agora e no final do meu discurso, olgumas palavras sóbre a refinaria de Matapari, porque, se prevalecer a lei que mandou organizá-la, acontecerá um escandalo inominával

Então, depois de totalmente construida pelo Estada, depois de estar operando junto aos campos petrolíteros do Reconcavo baiano, poderá o Govérno oferecer ao capital, que fugiu à subscriçãa, 50% das ações dessa refinaria?

Se o Estada vai construir e operar uma refinaria de 45.000 barris diários, por que não conservar em seu pader tombém a refinaria de Matapari, que produzirá 5 mil barris diários? Quem não vé o absurdo da solucão que aguardaria Matapari, se, depois de construida, se, depois de estar em funcionemento, fósse entregue, ou vendida a ponticularos? Então, por que o Govêrno voi montar uma refinaria de 45.000 barris diários? Er possível conceber-se uma coisa dessas, em relação à refinaria de Matapari, quando o Govêrno decidiu, agora, montar e explorar por sua conta, a refinaria de 45.000 barris diários? Isto é um obsurdo que não poderá passar pela cabeça de nenhum Govêrno neste país. Não hã Govêrno capaz de alimentar seme-lhante absurdo.

O MONOPÓLIO DOS CON-CESSIONÁRIOS

Desejo, porém, chamar a atenção da Câmara para o fato de que os concessionários retêm verdadeiro monopólio. Pergunta-se, muitas vezes, por que não financiar essas refina(Conclusão do 6 a nag.)

rias, se o negócio é tão bom, tão certo, se o Govêrno será reembolsa-do da capital emprestado em prazo tão curto. Por que, então, não financiar? Qual o metivo? Porque os concessões dadas representam, nos mãos dos concessionários, verdadeiro monopólio. Monopólio, Srs. Deputados!

O que os concessionários têm, em suas mãos, é, repito, um monopólio. Se verificarmos o Decreto-lei 395, concluiremos que os favores concedidos representam verdadeiros monopólios, já que tais favores asseguram a garantia de preços mínimos; defendem as refinarias contra o "dumping"; dão-lhes privilégio de mercados; evitam a concorrência entre as emprésas.

Pois os concessionários, depois de obterem o monopólio da indústria de refinação para abastecer as duas mais ricas zonas do país — Rio e São Paulo — ainda deblateram contra o Govêrno, porque este não lhes quer emprestar dinheiro!

Aí, então, cu repetiria o que disse aqui, no meu primeiro discurso: se o Govêrno financiar as refinarios, estará fazendo negócio de pai para filho; o Govêrno estará protegendo o particulares, e não protegendo a

CONVENÇÃO ESTADUAL:

Conforme já foi anunciado, a III Convenção Estadual do Partido Socialista
Brasileiro em São Paulo será realizada nos dias 10 e 11
de setembro próximo. Para
essa reunião, que será de
grande importância no desenvolvimento do Partido,
tendo em vista os assuntos
que ali serão tratados, devem ser mobilizados todos
os organismos partidários
no Estado.

Entre os principais assuntos que serão objeto de discussão e delberação, encontram-se as téses a serem levadas à Convenção Nacional do Partido, que será realizada em outubro Para a discussão de tais téses já foram elaborados três documentos, que servirão como base para os debates, a saber: 1) — Conceito de socialização, documento elaborado pelo companheiro Febus Giltovate, que é o relator designado pela Comissão Nacional do Partido; 2) — Situação política internacional, documento elaborado pelo companheiro Hermes Lima; 3) — Diretrizes da política socialista, documento elaborado pelo companheiro Domingos Velasco. O primeiro foi publicado no número anterior de "Folha Socialista" e os dois últimos são publicados néste número.

A Comissão Executiva Estadual do Partido recomenda a todos os organismos partidários que promovam discussão em tora no dos referidos documentos, afim de que seja formada opinião sóbre os mesmos, para uma deliberação abalizada a respeito dos assuntos de que tratam éles, na próxima Convenção Estadual.

indústria nacional, pois não é possivel que uma concessão meta nas mãos de partículares um monopólio dossa natureza, e que esses partículares ainda queiram fazer êsse manopólio funcionar à custa de dinheiro tomado emprestado ao Goyéno!

Não creio que o Presidente da República possa autorizar negócio dessa natureza, que, a se realizar, seria, realmente, um dos maiores escândalos administrativos da história não da vida republicana, mas, da vida política de entre de serio.

vida política do país.

Mas os concessionários deblateram contra o Govérno, apesar de terem um monopólio formidável nas
mãos, negácio ecrto, com privilégio
de zona, com preços remunerados
compulsóriamente garantidos, defendidas contra o "dumping". Não é possivel dar mais. Entretanto, esquecemse dos favores extra-contratuais, que
receberam: prorrogações de prezo,
algumas ilegais; transferência de
concessão com aumento substancial
de quotas, mas sem aumento de capital; aforamento comarada de terreno, etc. E bradam pelo financiamento, sob a a legação de que a
indústria é fundamental ao Estado,
de lucro certo, e de que o Govérna
receberá, em cunto prazo, o capital emprestado.

Os concessionários — isto é muito interessante — apresentam-se nos guichés do Govérno, não como homens de negócio, em cujas mãos foi parar um monopólio, fontes de gordos lucros, mas, sim, como delega-dos da Nação, emissários de alvas vestes, idealistas e sofredores de to se socrificarem no altar da Pá-tria. Os concessionários não são, pois, homens de negócio; converteram-se, agora, em delegados da Na-ção. Esta conferiu-lhes esse mandato de sacrifício, impôs-lhes esse ônus formidável; e eles esteo, generosamente, exaustivamente, a serviço dos superiores interesses do país, não sando lucros, nem bons negócios, nias apenas lutando para instalar n Brasil uma indústria fundamental para a sua segurança e o seu proaresso

Eis ai em que se converteram os concessionários. Mas era o que faltava: — que eles se viessem apresentar ao público, ao Congresso e ao Govérno como hemens que estão padecendo de tanto se imolarem ne altar da Pátria... Não! Eles estão sofrendo parque não têm dineiro (Risos). Quem se aventura a um negócio dêsses sem dinheiro tem, mesmo, que sofrer! (Risos). Onde já se viu alguém querer empreender um grande negócio sem dinheiro, e não sofrer? Er sofrimento horrivel! E agonia indescritivel! (Riso).

O Sr. Tristão da Cunha — Permitu-me V Exa. um apurte. Aliás.

O Sr. Tristão da Cunha — Permitu-me V. Exa. um aparte. Aliás, a indústria nacionul é toda assim: vive à custa da Nação, dizendo que concorre para a sua grandeza.

O ESTADO E OS GRUPOS ECONOMICOS

O SR. HERMES LIMA — Nas condições, atunis, parém — peço a ictoração dos meus nobres paras para estas últimas considerações — a indústria do petráleo é monopólio do Estado, ou de grandes companhia particulares entrosados na política do Estado a que pertencem e que lhes retribui com proteção e assistência. É o que está dito e documentado no relatório da Comissão que elaborou o anterpojeto. Tudo indica, portanto que a indústria do petráleo nacional seja arganizada sob a forma de monopólio do Estado. Em outras mãos—atentem bem para éste ponto — ela constituirá formidáveis núcleos do poder econômico, coma quem o Estado acabará repartindo a sua autoridade. O Estado poderá fazer as leis de fiscalização e contrôle legal que entender. O

A CRISE DO BLOCO RUSSO

(Continuação da 5.a pag.)

só partido único, o partido comunista, disfarçado com diferentes no-

Todavia, as verdadeiras causas da Todavia, as veraadeiras causas au crise social não foram tocadas, se-não, ao contrário, viram-se acentua-das pelas necessidades políticas e econômicas da Rússia. O propósito desta era e é duplo: por uma parte, anexar-se direta ou indiretamente a maior parte possivel de território europeu. tanto por necessidade milide alargar suas fronteiras como para acentuar sua hegemonia politica e alcançar categoria de grande poténcia no concérto mundial: e por outra, beneficiar-se das riquezas dos países conquistados, fortalecendo desta maneira sua quebrantada economia. Na realidade, tanto em um como em outro caso, ambos com-plementados e impraticáveis um sem o outro, a Rússia obedeceu em todo momento à dinámica do sua ação imperialista. E como seu imperialismo é de caráter conquistador, com uma política de rapina que nada ou muito pouco tem a ver com o imperialismo colonialista ou de expansão financeira, a brutalidade de sua imposição se manifestou clara e redondamente. Basto recordar como "o país do so cialismo" obrigou seus satélites, sem execução, a pagar a titulo de repa-rações avultadas somas, tanto mais elevadas pela ruina e devastação so fridas por todos éles no curso da ocupação hitleriana e da guerra.

Outro dos pracedimentos seguidos pelo Kremlin e que demonstro eloquentemente sua politica de rapina foi a liquidação de todas as sociedades industriais e a criação de outras novas em seu lugar, nas quais a única novidade consiste na substituição da participação estrangeira pela russa... sem que para isso trouvesse a menor parcela de capital. Desta forma, sem gastar um céntima, o Kremlin se encontra com a maioria das ações da indústria checo-eslavaco, do petróleo romeno, das minas de corrão polnesas, etc. Em sua interessante obra "O Bloco Soviético", Nicolas Clarian põe a descaberto tudo isso, citando entre outros o exemplo seguinte: 75 por cento da produção da Alemanha Oriental em 1947 foram entregues à Rússia, sendo 30 por cento das sendo sendo sendo cento das sendo 30 por cento das sendo 30 por cento das sendo sendo sendo da sendo a sendo sendo sendo as cento das sendo 30 por cento das sendo sendo sento das sendo sendo sendo sendo sendo sendo a cento das sendo 30 por cento das sendo sendo sendo sendo sente outros o cento das sendo s

verdadeiro contróle, no entanto, será sempre o do pader econômico, que é mais forte do que os textos legais. O poúer econômico controla muito mais a elaboração e a aplicação das leis do que os leis fiscalizam o poder econômico. Esta é a história da vido de tódas as nações particularmente da vida industrial moderna e que desafia qualquer contestação.

A SOLUÇÃO ACERTADA

A solução estatal, portanto, se impõe. O Senhor Presidente de República não hesite: a refinaria de 45.000 barris é o grande exemplo, o rumo certo; não caia no cêrco que os cancessionários de novo lhe estão fazendo. Eles estão apertando o cêrco em tórno do Presidente da República, com os mesmos elementos que já o enganram e que não tiveram capacidade de mostero a. Exa. um original desaparecido de um dos decrtos de prorosoção de concessão Soares Sampoio.

Defenda-se o Sr. Presidente da República. Defenda-se, porque isto também é guerra do capital particular monopolista contra o monopólio do Estado; guerra de lucro fácil, certo e garantido, do capital particular monopolista contra as vantagens que a Nação, por intermédio do Govêrno, pode e deve tirar da exploração do petróleo e da indústria de relinação.

(Muito bem; muito bem. Palmas. O orador e cumprimentado).

ciedades propriedade russa e 40 por cento estando nacionalizados e administrados por representantes rus-sos. Pouco mais ou menos, no rasto dos países do leste, a situação é se-melhante. A nacionalizações realizadas tiveram por duplo objetivo li-quidar a influência do capitalismo estrangeiro e eliminar os restos do capital autóctone, ao mesmo tempo que representavam uma forma indireta de adaptação às ordens do Kremlin e ajustamento às necessidades económico-estratégicas do mes-Servindo-se déste estratagema, a Rússia estabeleceu um circuito de trocas comerciais a fim de garantir para si os materiais que lhe interessam e que são pagos com produ-tos que não são seus, tratando assim de guardar um pouco as apa-rências. Ultimamente pudemos ler na imprensa internacional que a Rússia imprensa internacional que a Rússia fazia concorrência ao tabaco americano, em território austríaco, com tabaco... búlgaro.

E' natural, pois, que esta política de rapina — a expressão há de ser necessariamente repetida, por justa — provocasse uma situação de crise nos países do leste, não obs-tante a planificação. E' preciso ter em conta que para poder manter a hegemonia, o Kremlin impôs ao blaco oriental um isolamento quase ge-ral do ocidente, e do resto do mundo, impedindo um natural e necessário intercambio comercial. A astixia, a falta de dólares para assegurar im-portações que alimentam sua indús-tria e seu comércio interior, vai ganhando um a um os países do leste. O descontentamento tinha fatalmente que ganhar não só a população em seu conjunto, como também a setores do stalinismo, educados geralmente em ideologia nacionalista por uma política ultra-nacionalista. Estes setores, mais em contacto com as necessidades de seu país que com as camarilhas de Moscou, vêem-se obrigados em parte a resistir ao imperialismo russo, como ontem haviam resistido à ocupação hitleriana. A crise tinha inevitavelmente que produzir-se no bloco oriental e em cada um de seus partidos comunistas. Tito, em melhores condições que os demais, tanto pela situação geográ-fica da lugoslávia como pelas condições politicas que provocaram sua ascenção ao poder — foi o único que o conquistou, ao invés de chegar nas mochilas dos exércitos russos foi o primeiro a provocar o cisma stolinista e a emancipar-se da tutela da Kremlin. Não sucedeu o mesmo nos demais países, mas os expurgos efetuados na Polônia, Albânia, Grêcia, România, Hungria e Bulgária, em que foram vítimos propiciatórias os Gomulka, Markos, Spyran, Kostov e muitos outros, descobre cruamente a situação criada e que não deixará de se ir aguçando não obs-tante a política de terror imposta.

As mencionados contradições da política stalinista são a causa das crises atravessadas pelos partidos comunistas, reflexos por suo vez das crises que sofrem seus respectivos países. Existe uma realidade econômica que não pode sustentar-se, estando o Kremlin, atento a suas próprias necessidades, com absoluto desprêzo das dos países sotélites. O tempo, neste caso, trabalha contra Moscou, contra o stalinismo, incapaz de conciliar seu nacionalismo e sua fidelidade ao Kremlin. O bloca oriental, diga-se o que se quizer, está condenado, não só a pór a descoberto suas fraturas, senão a igualmente desintegrar-se estrepitosamente. A grande expansão se assentou sóbre bases movediças e cada dia trará uma noticia que confirmará o que adiantemos, sem temor de êrro.

RAMON PUIG (Extraído de "La Batalla", órgão do POUM, de 23-5-1949).



A AVENTURA DAS REFINARIAS DE PETROLEO

Discurso do deputado Hermes Lima, denunciando as manobras dos grupos interessados na industria de petróleo

Sr. Presidente, a questão das refinarias de petróleo apresenta agora aspectos novos que a campanha do "Correio da Manhã" e os artigos do Sr. Orlando Dantas, no "Diário de Notícias", trouxeram à luz da publi-

Ésses aspectos novos são os sequintes: 1) a ofensiva da Standard Oil para participar do negócio; 2) a nova arremetida dos concessionários; 3) os passos dados pelo Govérno para construção da refinaria de 45.000 barris diários.

Vejamos, na ordem dêsse enunciado, em primeiro lugar, de que cons-ta a ofensiva da Standard. A Standard percebeu que o problema do petróleo, empurrado por todos os lados troteo, empurrado por todos os lados, acobaria recebendo alguma solução. Deixou de agir na sombra e agora formula o que deseja: participar da refinação, na base de 51%, pois reputa isto o mínimo, conforme ela diz. para exercer suficiente influência sôbre a operação dos nossos planos nas refinarias e no transporte. E' o que consta da entrevista do Presidente da Standard, publicada nos matutinos de 16 de julho.

Mas, entregar o contrôle da in-dústria de petróleo, em qualquer dos seus ramos, a qualquer companhia estrangeira, é colocar êsse contrôle em outras mãos que não as nossas mãos. No relatório da Comissão encarregada de elaborar o anteprojeto do Estatuto do Petróleo, lê-se às páginas 31, 32 e 33 tôda uma exc tiva documentação que levou precisamente aquele documento a con-cluir que, no mundo de hoje, a in-dústria de petróleo, chegou, finalmente a um estágio que é, em substên-cia, o do monopólio oficial, embora exercido na prática, sob um regime de "free inteprise" ou então a um regime de "free interprise" subme-tido ao contrôle monopolístico dos Governos de Washington e Londres". E' o que está escrito no relatório da Comissão que elaborou o antepro-jeto do Estatuto.

O representante da Standard, Mis-ter Edward Johnson, depondo no co-mité especial do Senado americano para investigar acêrca dos recursos petróleo, declarou textualmen-"O plano de atividade das companhias privadas americanas empe-nhadas na indústria do óleo no estrangeiro obedecerá a diretrizes de ampla concepção nitidamente traçadas pelo nosso govêrno e par êle mantidas com firmesa e baseadas no entendimento e na cooperação mais completos que deverão existir entre éle e o Departamento de Estado".

Aí está o motivo pelo qual a nota do Departamento do Estado já transmitiu ao Govêrno brasileiro a opinião dêsse organismo sobre o anteprojeto

Vem agora a Standard e reivindica, em nome da livre concurrência, li-berdade para aplicar seus capitais na indústria brasileira do petróleo. E a contrapartida dessa liberdade para os brasileiros é o direito de aplicarem seus capitais na indústria norte-americana do petróleo.

Como piada, é muito boa.

Ora, Sr. Presidente, a Standard. fundo, aceita o Estatuto. Não é tudo quanto ela reclama, mas serve, porque, na prática, lhe dará o con-trôle que ela deseja.

A respeito do Estatuto, ela iniciou agora o velho jôgo do sapo que um animal grande, feroz mas burro, queno rio. Não me atire gua — gritava o sapo — "atire-me no fogo". Para contrariar o sapo, o animal grande, feroz mas burro, nçou-o na correnteza.

A Standard espera que, para contrariá-la, aprovemos o Estatuto como êle se acha redigido.

Em sua redação, o Estatuto admite francamente a participação de capitais estrangeiros na pesquisa, mineração e industrialização do petró-leo. Apenas assegura a prevalência de capitais nacionais na proporção de 60% nas mãos com direito a voto das emprêsas que se organizarem para refinar o óleo que será consumi-do no país.

Para refinar o óleo a ser exportado, a capital pode ser totalmente estrangeiro ou particular. O próprio relatório reconhece, à

página 63, textualmente, que o preço a troco do qual podemos abrir mão das restrições nacionalistos da Legislação vigente, não é elevado, atendendo — diz o relatório — à pequena importância de nosso consu-mo, se comparado com o de outros

Portanto, liberdade na pesquisa neração; participação de 40% na indústria do refinado que o pais consumir: contrôle total da indústria do refinado para exportação. Que pode desejar mais a Standard? Os 40% na indústria do refinado

para consumo interno lhe darão pràticamente o contrôle dessa indústria

Estes 40% estão ostensivamente à sua disposição, postos pelos conces-sionários. E' o que ainda agora acaba de assegurar o grupo Soares Sam-puio, em entrevista ao "Correio da Manhā", dizendo que sempre estiveram prontos a aceitar a participa-ção de grandes companhias petrolí-feras com 40% de capital.

Dificilmente a mão em que se con-centrarem 40% de ações numa in-(Conclue na pag. 6)



AS DIRETRIZES NACIONAIS DA POLITICA SOCIALISTA

Tese a ser apresentada à Convenção Nacional pelo relator, Comp. Domingos Velasco

manente, acham-se no programa do Partido. A diretriz essencial é organizar o país na base de uma economia socializada. A economia socializada assentarse-á na socialização gradual e progressiva dos

meios de produção

Estas diretrizes, no que têm de fundamental e per-

Os "GRANDES" Pequeninos

A auestão da sucessão do general Dutra continua a ocupar farto noticiário dos jornais, através das conferências e das "fórmulas" propostas pelos chamados lideres dos "gran-des" partidos. Os conciliábulos, ne gociações e encontros entre os maio-res do P.S.D., da U.D.N., e do P. R. oferecem, porém, um triste espetáculo de mediocridade e tibieza que mais acentua, no seio do povo, o descrédito em relação a ês-ses "grandes" portidos que são a es-pressão política das classes domi-

Na verdade, os acôrdos e "fórmulas" aventados por ésses grandes, só tem servido para demonstrar, aos olhos dos elementos mais esclareci-dos do povo, que êles são substan-cialmente iguais, no seu vazio ideológico, e que representam forças conservadoras, desejosas de estabelecerem uma frente única sólida, capaz de assegurar-lhes o completo do mínio da situação política, nas próximas eleições. Porisso, é muito pro-vável que os "acôrdos" e "fórmulas" em vez de produzirem o resultado esperado pelos que participam dêles, acabem dando resultados contrários, isto é, levando agua ao moinho da propaganda daqueles contra os quais são dirigidos tais "acôrdos" e "fór-- os aventureiros tipo Ademar e Getúlio.

As tentativas feitas pelos chama-dos "lideres" para chegarem a uma salução, conciliando os interesses dos eleitorais da política burguesa, têm como que um aspecto de pano verde desbotado, onde se faz um joguinho miudo, com cartas sebentas. Os parceiros são figuras parecidas, todos éles acreditando que poresolver os problemas p brasileiros com algumas operações aritiméticas onde os fatores são os magotes de eleitores com que cada um node iggar. Nada de programas amento de diretrizes politi cas, nada de debates abertos, de mobilização dos partidos, através das monização dos partaos, antaves aos respectivas bases, nada de consulta à opinião pública. E' a velha tradi-ção da política das classes domi-nantes, brasileiras, através dos "acôrdos" entre os "cheles", imperando em grande estilo.

Do lado de fora estão Getúlio e Ademar, ambos julgando-se por si sós "grandes" e preparando suas for-ças para as próximas eleições. Mas êstes, também, só podem oferecer ao povo as piores perspectivas possiveis: a ascenção de camarilhas de aven-tureiros e oportunistas que irão substituir os clássicos quadros de poli-ticos profissionais da burguesia e fazer o caldo de cultura para a revi-vescência de um fascismo boçal, temperado de malandragem, perre-

Dai, talvez, o ambiente de apotia geral que se nota, em relação ao "problema da sucessão", que a im-

proniema da sucessoo , que a im-prensa em vão se esforça por agitar. O povo sente, instintivamente, que os "grandes" que ora dominam o jõgo político são, na verdade, pe-quenos, muito pequenos, na sua es-tatura moral e ideológica, em face dos grandes problemas de ordem econômica e social que o Brasil tem de enfrentar.

ANTONIO

Hú o problema da transição entre a economia capitalista e economia socialista. Essa transição oferece muitos ospectos de ordem técnica e organizatória. E' necessário considedesde iogo, as questões relacionadas com a aquisição dos elementos que permitam ao nosso país preparar-se para as tarefas organizatórias, sem as quais seu progresso industrial e agrícola não se proces-

Assim, o país deve preparar-se o mais ràpidamente possivel para su-perar o atrazo de sua produção agricola e industrial, o atraso de sua posição econômica. Somos 45 mi-lhões de habitantes, mas não constituimos mercado interno correspondente a uma população dêsse número, possuidora de nivel razoavelmentete elevado de vida. Nossos indústrias não dispõem de mercado interno de consumo eficiente para lhes assegurar uma base de desenvolvimento produtivo e constante melhoria de padrão técnico. Nossa agricultura pagrao recnico. Nossa agricultura se encontra ainda muito atrasada. Temos ainda de enfrentar um pro-blema típico de países atrasados: a produção de gêneros alimentícios. A maioria dos brasileiros vive no campo e do trabalho rural. Essa maioria produz pouco e consome me-

A política do Partido, as diretrizes socialistas imediatas dessa política, devem visar:

- estudo do sub-solo, do solo e 1) — estudo do sub-solo, do solo e da flora do pois, de modo a conhecermos as riquezas, as fontes de produção mineral e vegetal. O país precisa de cartas geológicas e climatológicas cada vez mais precisas. E' indispensável uma orientação quanto às possibilidades que os reinos da natureza fasecem a nece trans. da natureza oferecem ao nosso tra-balho. Essa orientação só pela ciên-

cia pode ser dada.

Isto exige a organização do ensino e de centros de pesquisa intimamente ligados às necessidades da vida nacional. A preparação de um largo corpo de técnicos aos quais se atribuirdo missões científicas e pesquiza relacionados com a organização nacional. Toda estrutura do ensino e das pesquizas deve ser modificada nesse sentido. Inventariar as riquezas do país: colocar quadros à disposição dêsse servico. Dar ao ensino e às pesquizas um conteúdo: a organização nacional.

 desenvolvimento das fontes de energia e combustive!. E' a coisa mais urgente que o país reclama.

Aprofundar as pesquizas das nossas jazidas carboniferas e as condições de aproveitamento do carvão. Imprimir às pesquizas sóbre petróleo o ritmo mais intenso possivel. Industrializar o petróleo no país com matéria prima nossa, ou importada. Desenvolver a aproveitamento das nossas quedas d'agua. A esta luz, o aproveitamento, já iniciado, de Paulo Afonso é obra de cunho nacional a que o Partido dá seu inteiro apôio e cuja boa execução merece

maior vigilância. Em consequência, dispor de modo que a organização cultural e cientí-fica corresponda às exigência práticas das tarefas organizatórias aqui

3) — conclusão dos grandes sistemas de açudagem no Nordeste, de remos de açuagem no rotreste, de modo a colocar a agua e a ener-gia captóvel a serviço do povo. De-sapropriação dos terros irrigóveis para sua locação a pequenos agricultores cooperativamente organiza-dos. Reinício imediato da construção da barreira de Orós.

Introduzir no atual sistema de exploração agrária as modificações ne-cessárias e compatíveis com as zonas e os tipos de exploração : a) o aumento da produção; b) organiza-ção técnica capaz de assegurar bom rendimento; c) preços compensado-res; d) elevação do padrão de vida rural; e) melhor distribuição da pos-

O ensino agrícola deve perder, de vês, as características de ensino

académico agrícolo, que o tem mois ou menos caracterizado entre nós e ligar-se às tarefas práticas da produção agrícola, como peça essen-cial dela, e não como agência de informações eruditas e arnamentais. O ensino agricola deve alcançar o maior número possivel de lavradores, de sitiantes, de pequenos proprietários. O ensino agrícola deve ir ao campo e não trancar-se em escolas não raro suntuárias à espera que o campo venha a elos. O ensi-no desse tipo deve ligar-se na teoria e na prática a todos as necessidades do desenvolvimento agro-pecuário no país. Na expressão ensi-no agrícola, estão incluidos os ins-

no agricalo, estao incluidos os institutos de pesquizus especializadas.

4) — apoiar o desenvolvimento da indústria pesada nacional. E, no sua base, o da produção de máquinas, motores, unidades para transporte, instrumentos de trabalho, etc.

5) — aparelhar o sistema ferroviário de transportes. Estimular a pavimentação das rodovias mais imortantes.

6) — lutar pela aplicação rigoro-

sa das leis sociais. Lutar especial-mente pela participação dos trabahadores na gestão dos emprêsas na-cionalizadas, de modo que os traba-lhadores se liguem diretamente às responsabilidades da organização e eficiência dos serviços, o que equi-vale desburocratizá-los. A naciona-lização não deve equivaler à burocratização. A participação dos tra-balhadores na gestão das emprêsas nacionalizadas representará passo decisivo na conquista da democracia social.

7) — organizar o crédito para a 7) — organizor o crédito para a produção. Dinheiro barato e a prazos longos. O financiamento agricola, entre nós, limita-se a uma compra antecipada dos safros. Nesse sentido, o Partido deve acompanhar com a mais viva atenção a reforma do sistema bancário.

8) — execução do plano de sa-eamento e de defesa da saúde do povo. Desenvolver o regime de coo-peração financeira com os Estados como meio adequado para se alcan-